

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

LUCAS BARBOSA LOPES

**A ESTRUTURA SENSACIONALISTA NA COBERTURA DO CASO LÁZARO:
Uma análise sobre a abordagem do programa Cidade Alerta**

Monografia

Mariana

2024

LUCAS BARBOSA LOPES

**A ESTRUTURA SENSACIONALISTA NA COBERTURA DO CASO LÁZARO:
Uma análise sobre a abordagem do Programa Cidade Alerta**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Adriana Bravin

Mariana

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

L864e Lopes, Lucas Barbosa.
A estrutura sensacionalista na cobertura do Caso Lázaro
[manuscrito]: uma análise sobre a abordagem do programa Cidade
Alerta. / Lucas Barbosa Lopes. - 2024.
58 f.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Ética jornalística. 2. Jornalismo. 3. Sensacionalismo no jornalismo. I.
Bravin, Adriana. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.11

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lucas Barbosa Lopes

A estrutura sensacionalista na cobertura do Caso Lázaro: Uma análise sobre a abordagem do Programa Cidade Alerta

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 02 de maio de 2024

Membros da banca

Prof.(a) Dr(a). Adriana Bravin - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof.(a) Dr(a). Lara Linhalis Guimarães (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia (Universidade Federal de Ouro Preto)

Adriana Bravin, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 14/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Bravin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/10/2024, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0794881** e o código CRC **A263A75E**.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta etapa da minha vida é um resultado de todo esforço e dedicação e não seria possível sem o apoio e incentivo de pessoas importantes que fazem parte da minha vida.

De início, agradeço a Deus por ter despertado em mim o desejo de ser jornalista e por ter possibilitado que eu conseguisse realizá-lo.

Agradeço à minha mãe, Eliane, ao meu pai, Vanderlei e ao meu irmão, Gabriel, por terem me dado todo o apoio e suporte necessário durante todos os anos em que estive nesta jornada de aprendizado, vocês são essenciais na minha vida.

Gostaria de agradecer a amizade e o companheirismo dos meus queridos amigos que escreveram essa história comigo. Serei eternamente grato ao grupo Gorditas, Emanuel, Leiriane, Jonathan, Mateus, Mariana, Joana e Pamela, juntos, formamos uma família e uma rede de apoio, amo vocês, às minhas amigas de Ouro Preto, Nasnuv, Hitmaker, Prometyda e Rubia que me alegraram e compartilharam momentos incríveis durante todos esses anos de UFOP.

Também gostaria de agradecer às minhas amigas que dividiram um teto comigo e marcaram cada momento especial que vivemos juntos, Paula, Ana, Alice e Luciano e Riri.

Agradeço à minha orientadora, Adriana Bravin, que me deu tanto suporte e apoio durante todo esse tempo em que estive produzindo este trabalho. Juntos, desenvolvemos uma parceria que me impulsionou para que eu continuasse e chegasse até aqui, cada palavra, cada incentivo e todo conhecimento compartilhado foram essenciais para minha trajetória.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto, a excelência no ensino público foi essencial para que eu me tornasse o profissional que sou hoje.

Muito obrigado a todos que participaram desta minha história.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca analisar a estrutura sensacionalista utilizada pelo programa Cidade Alerta, da Rede Record, na cobertura do Caso Lázaro, especialmente no dia 28 de junho de 2021, quando o fugitivo foi encontrado e morto pelos policiais que participavam de sua caçada. O principal objetivo deste trabalho é analisar como o programa utilizou deste modo de fazer jornalismo para desenvolver histórias e prender a atenção do seu telespectador, que aguardava ansiosamente um desfecho após os 20 dias de transmissão sobre os acontecimentos. Assim, ao apresentarmos uma avaliação crítica sobre a edição do dia 28 de junho, percebemos uma série de agressões às fontes e informações durante a cobertura, indo contra o papel do jornalismo de noticiar acontecimentos e fatos de interesse público com ética e respeito. Buscamos apontar como o programa e seu mediador ultrapassou os limites da ética profissional, e contextualizar o uso do sensacionalismo dentro de um jornal caracterizado por notícias do ramo policiaisco, desde as imagens transmitidas até a postura do âncora da edição. Ao final da pesquisa, concluímos que o programa Cidade Alerta, no dia da cobertura da morte de Lázaro, praticou um jornalismo sensacionalista e desrespeitou a ética jornalística, utilizando práticas ofensivas às fontes e ao nome de Lázaro Barbosa.

Palavras-chave: Ética jornalística. Jornalismo. Sensacionalismo no jornalismo.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze and pinpoint the sensationalist structure used by the program Cidade Alerta in covering the main day of the Lázaro Case, the day the fugitive was found and shot dead by the police who were participating in his hunt, on June 28, 2021. The primary objective of this work is to examine how the program employed this mode of journalism to develop stories and captivate the attention of its viewers, who were eagerly awaiting a resolution after 20 days of coverage of the events. Thus, in presenting a critical evaluation of the June 28 edition, we observed a series of violations to the role of journalism in reporting events and facts of public interest with ethics and respect for sources and information. We aim to highlight how the program and its mediator crossed the boundaries of professional ethics and to contextualize the use of sensationalism within a news program characterized by police-related news, from the transmitted images to the stance of the anchor of the edition. At the end of the research, drawing on authors from the theoretical framework, we can comprehend and address the research problem, concluding that the program Cidade Alerta, on the day of the coverage of Lázaro's death, applied sensationalism and disregarded journalistic ethics, using practices offensive to sources and to the name of Lázaro Barbosa.

Keywords: Journalistic Ethics. Journalism. Sensacionalism in Journalism

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cobertura do Caso Lázaro em cenas pelo Cidade Alerta

43

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
2. DE QUAIS JORNALISMOS ESTAMOS FALANDO?	12
2.1 O jornalismo seriado e melodramático	12
2.2. Jornalismo popular	15
2.3. Jornalismo sensacionalista	20
2.4. Jornalismo policialesco	24
3. APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO DA ÉTICA JORNALÍSTICA, DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS E DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	27
3.1 Do exercício da ética na comunicação ao código deontológico dos jornalistas	27
3.2 Sobre a comunicação e os direitos fundamentais	33
3.3 Regulação da mídia e concentração de poder	36
4. O CASO LÁZARO NO PROGRAMA CIDADE ALERTA	40
4.1. Caso Lázaro	40
4.2. O programa Cidade Alerta	41
4.2.1 A cobertura do Caso Lázaro pelo Cidade Alerta	43
4.3 Metodologia de análise	46
5. O DIA DA CAPTURA: O DESFECHO DE UMA HISTÓRIA MELODRAMÁTICA	49
5.1 A captura sensacionalista do telespectador	55
6. CONCLUSÃO	59
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a estrutura sensacionalista utilizada pelo programa Cidade Alerta, da Rede Record, durante a cobertura da “caçada” realizada pela polícia a Lázaro Barbosa, de 32 anos, acusado de assassinar uma família de quatro pessoas em Ceilândia, no Distrito Federal, em 2021. A transmissão dos acontecimentos durou um total de 20 dias até que o procurado, que se encontrava foragido nas matas da região de Cocalzinho, em Goiás, foi baleado e morto pela polícia.

A série de acontecimentos transmitidos por diversos veículos de comunicação de todo o país começou no dia 9 de junho de 2021, após quatro pessoas da mesma família serem encontradas mortas em uma chácara na região de Ceilândia, no Distrito Federal. Tendo Lázaro Barbosa como o principal suspeito do crime, uma equipe de investigadores e policiais se espalhou por diversos locais da região na tentativa de encontrar o então foragido.

Ao longo dos 20 dias de buscas, Lázaro se escondeu em diferentes locais entre o distrito de Ceilândia e Cocalzinho, região próxima a Goiânia. Segundo relatos de moradores e investigadores, o suspeito seguia fazendo uma série de assaltos em residências afastadas da zona urbana para adquirir alimentos e objetos para se manter foragido. No dia 28 de junho, 20 dias após o início das buscas por Lázaro, um novo cerco montado pela polícia local encontra o foragido e Lázaro é morto, segundo relatos da polícia, após uma troca de tiros entre ele e a polícia que o encontrou.

Com a repercussão do acontecimento que ficou conhecido como “caso Lázaro”, e a cobertura de diversos veículos do país, o objetivo desta pesquisa foi compreender as características do sensacionalismo, como o apelo do emocional, a espetacularização de uma narrativa, a exploração do extraordinário e do vulgar, o destaque de elementos insignificantes e todas as composições estruturais que o programa Cidade Alerta, da Rede Record, utilizou para transformar o caso em uma série de acontecimentos que ainda tinham um desfecho incerto.

O trabalho foi dividido em 5 capítulos. O segundo capítulo trata de conceitos e subcategorias do jornalismo que se encontram presentes no programa e na cobertura que será analisada, por exemplo, o jornalismo seriado e melodramático, o sensacionalismo, o jornalismo popular e o jornalismo policialesco. Logo no início trago algumas características do jornalismo popular, abordando conceitos que explicam a estrutura e os interesses

mercadológicos desse segmento. Também aproveito para discorrer um pouco sobre a dramaturgia.

Ainda no segundo capítulo, discuto sobre o jornalismo sensacionalista, que é observado durante toda a cobertura do caso Lázaro, além de trazer características sobre o jornalismo policialesco, traçando os modos de produção e os conteúdos explorados por essa vertente do jornalismo.

O terceiro capítulo é dedicado a invocar questões relacionadas à ética jornalística, além da falta de regulamentação da mídia que contribui para que programas como o Cidade Alerta estejam presentes na programação da TV aberta brasileira. Abordamos sobre os modos de conduta da profissão, seguindo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, e os direitos fundamentais prescritos na Constituição brasileira, que visa democratizar os meios de comunicação e dar voz à pluralidade de fontes.

No quarto capítulo, no qual começo a abordar sobre o acontecimento e introduzir o histórico do programa na televisão, temos uma breve contextualização sobre o que foi o “Caso Lázaro”, entendendo como ocorreu o desenvolvimento dos acontecimentos e uma explicação sobre a história do programa Cidade Alerta, que irá ajudar a compreender como foi o desenvolvimento das narrativas do programa, pensando no intuito do jornal diário da Rede Record.

Por fim, chegamos na análise, onde podemos investigar e apontar características do que apontamos ao longo de todo o trabalho, passando por pontos do sensacionalismo exacerbado utilizado pelo programa, do desrespeito ao campo da ética profissional e dos direitos humanos garantidos na Constituição Federal.

Nesta pesquisa, iremos abordar em detalhes o que foi transmitido na edição escolhida para analisarmos, do dia em que Lázaro foi encontrado e executado pelos policiais que participavam de sua busca. Vamos trazer as principais ações da equipe do programa para captar e pressionar seu telespectador a aguardar o grande desfecho de cada história desenvolvida pelo apresentador, chegando a uma conclusão sobre os modos como o jornalismo do *Cidade Alerta* é produzido a partir dos seus interesses mercadológicos.

2. DE QUAIS JORNALISMOS ESTAMOS FALANDO?

O jornalismo é uma atividade profissional em que podemos classificar seus modos de ser realizado de acordo com as características das coberturas noticiosas, dos temas abordados, fontes selecionadas, tudo o que está presente para a construção de uma narrativa. A partir desta perspectiva, neste capítulo iremos aprofundar conceitos muito presentes no jornalismo produzido pelo programa *Cidade Alerta*, da Rede Record, principalmente tratando-se da cobertura sobre a perseguição policial a Lázaro Barbosa, foragido escondido na cidade de Cocalzinho, Goiás, em junho de 2021, episódio que ficou conhecido como Caso Lázaro. Ele foi encontrado 20 dias após o início das buscas, sendo baleado e morto pela polícia que investigava o caso.

Para podermos compreender as características da cobertura jornalística utilizada pelo programa, além de construir uma análise crítica sobre esse modo de produção, buscamos entender os conceitos que norteiam a produção analisada, a partir da matriz cultural do melodrama (BARBERO, 2009) e do jornalismo seriado (MACHADO, 2000), e do modo de produção dos jornalisismos popular, sensacionalista e policialesco. Vamos explorar os conteúdos relacionados ao objeto analisado observando, ainda, como se apresentam as violações dos direitos humanos e da ética jornalística para pensarmos em um jornalismo mais diverso e democrático.

2.1 O jornalismo seriado e melodramático

Para darmos início, vamos abordar as características da narrativa seriada e melodramática, presente no programa jornalístico a ser analisado, o *Cidade Alerta*: um programa de TV com características de jornalismo popular, com narrativas seriadas, divididas em blocos de menor duração, favorecendo os interesses de ganhar o tempo do público consumidor.

Podemos assimilar o jornalismo seriado às telenovelas, com uma narrativa de conflito desenvolvida ao longo dos capítulos, em que apenas no final teremos um desfecho completo de todos os acontecimentos, que incluem personagens, cenários, além de remeter ao início do enredo para situar os espectadores que aguardam por um fim já pré-imaginado, conforme explica Machado (2000).

No primeiro caso, temos uma única narrativa (ou várias narrativas entrelaçadas e paralelas) que sucede(m) mais ou menos literalmente ao longo de todos os capítulos. É o caso dos teledramas, telenovelas e de alguns tipos de séries ou minisséries. Esse tipo de construção se diz teleológico, pois ele se resume fundamentalmente em um (ou mais) conflito(s) básico(s), que estabelece logo de início um desequilíbrio estrutural, e toda evolução posterior dos acontecimentos consiste num empenho em restabelecer o equilíbrio perdido, objetivo que, em geral, só se atinge nos capítulos finais. (MACHADO, 2000, p.84)

Para além da televisão, a narrativa seriada já era comum na literatura, se estendendo para o radiodrama e chegando ao audiovisual por meio do cinema. Logo, se estendeu a outras categorias do audiovisual, como nas telenovelas e telejornais: “Mas é preciso considerar que não foi a televisão que criou a forma seriada de narrativa. Ela existia antes nas formas de literatura [...] continuou com a tradição no radiodrama” (MACHADO, 2000, p. 86).

Tratando dos meios de comunicação de massa, temos um público amplo consumindo o conteúdo que estamos abordando. Contudo, assim como na literatura de cordel, analisada por Lope de Vega, podemos caracterizar boa parte dos seus telespectadores: aqueles que buscam a tragédia, a busca por pessoas ruins e negam a fé.

Os acontecimentos que buscam, as tragédias que fabricam, as fábulas que inventam de homens que nas cidades da Espanha violentavam suas filhas, matam suas mães, falam com o demônio, negam a fé, dizem blasfêmias. [...] a reação de um homem que teve também clara consciência de fabricante, que sabia que, ao entrar no circuito do “consumo” a escritura das comédias se estereotipava. (BARBERO, 2009 , p 150).

Analisando as características das produções melodramáticas, Jesus-Martin Barbero, ao discutir tal coisa, aponta a linguagem de fácil aceitação, o vulgar, os gostos explorados e a repetição que prende o espectador na narrativa e dialoga com seus interesses como características desse melodrama produzido:

Por sua linguagem, que não é alta nem baixa, mas a mistura das duas. Mistura de linguagens e religiosidades. É nisso que reside a blasfêmia. Estamos diante de outra literatura, que se move entre a vulgarização do que vem de cima e sua função de válvula de escape de uma repressão que explode em sensacionalismo e sarcasmo. Que em lugar de inovar estereotipa, mas na qual essa mesma estereotipia da linguagem ou dos argumentos não vem só das imposições carreadas pela comercialização e adaptação do gosto a alguns formatos, mas também pelo dispositivo da repetição e dos modos de narrar popular. (BARBERO, 2009, p. 152).

A respeito do espetáculo popular chamado melodrama, principalmente na França e na Inglaterra, em 1790, voltada ao teatral, Barbero fala que essa forma busca apresentar narrativas que despertam o medo e o mistério.

Desde 1790 vai se chamar melodrama um espetáculo popular que é muito menos, muito mais que teatro. Porque o que aí chega e toma forma-teatro, tem a ver com as formas e modos dos espetáculos de feira e com os temas das narrativas que vêm da literatura oral, em especial aos contos de medo e de mistério, com os relatos de terror. (BARBERO, 2009, p. 163)

O melodrama, então, embarca em uma estrutura dramática que desperta sentimentos, curiosidade e sensações. Assim, as ações se desenvolvem de acordo com a narrativa de personagens, tendo uma história formada pela ação de um sobre outro e, por aí, se criam novas histórias até que se encontre um desfecho, sempre de forma espetacularizada, dialogando com a matriz cultural que as classes populares se sentissem pertencentes:

A ideia de espetáculo total não se restringe no melodrama ao nível da encenação, está também no plano de sua estrutura dramática. Tendo como eixo central quatro sentimentos básicos: medo, entusiasmo, dor e riso, a eles correspondem quatro tipos de situações que são ao mesmo tempo sensações - terríveis, excitantes, ternas e burlescas, personificadas ou “vividias” por quatro personagens: o traidor, o justiceiro, a vítima e o bobo, que, ao juntarem-se, realizam a mistura de quatro gêneros: romance de ação, epopéia, tragédia e comédia. (BARBERO, 2009, p.168)

Pensando na formação das narrativas, precisamos entender as características dos personagens que desencadeiam todas as ações. De início, o melodrama pode se estender a partir de um vilão, é esse personagem que, a partir de suas ações, desperta o sentimento de medo e torna os acontecimentos atrativos para uma caça ou justiça esperada por aqueles que assistem as cenas, assim como observamos no Caso Lázaro, durante a cobertura feita pelo programa: “e sua função dramática é encurralar e maltratar a vítima. Ao encarnar as paixões agressoras, o traidor é o personagem do terrível, o que produz medo, cuja simples presença suspende a respiração dos espectadores, mas também é o que fascina” (BARBERO, 2009, p.169).

Logo, temos uma vítima, que sofre os abusos do agressor. Essa, que cativa o espectador em busca de justiça e vingança. Sendo geralmente mulher, a vítima busca proteção, busca retomar sua identidade que, na narrativa dramática, foi tirada pelo vilão: “a vítima é uma princesa que se desconhece como tal e que, tendo vindo de cima, aparece rebaixada, humilhada, tratada injustamente. (BARBERO, 2009, p. 169,170)

Também temos o justiceiro, que, assim como acontece nas maiorias das narrativas do *Cidade Alerta*, visa solucionar a história perturbadora e proteger aqueles que vêm sendo agredidos pelo vilão. É visto pelo espectador como aquele que, por um ato de solidariedade, busca dar um fim trágico ao agressor, respondendo às expectativas criadas ao longo das ações:

“o justiceiro é o personagem que, no último momento, salva a vítima e castiga o traidor. Vindo da epopéia, o justiceiro tem a figura do herói [...] e é, pela generosidade e sensibilidade, a contraface do traidor”. (BARBERO, 2009, p.170)

Para entender a fundo o melodrama temos que falar da dramatização. É essa a característica que define esse modo de produção. A busca pelo sofrimento, o diálogo com o que o espectador está interessado em acompanhar e se envolver, a busca por um final que solucione o sofrimento e criminalize o agressor, esses são os verdadeiros pilares do melodrama. E claro, criando narrativas espetaculares, que afirmem a existência de um “roubo” de identidades, exemplificado, no caso analisado, tendo Lázaro visto apenas como um serial killer, violento, bruto e calculista.

Todo esse peso do drama se apoia no fato de que se acha no segredo das fidelidades primordiais a origem dos sofrimentos. Desde os mistérios da paternidade ao dos irmãos que se desconhecem, ou ao dos gêmeos - em uma luta contra as aparências e os malefícios, é uma operação de decifração. É isso que constitui o verdadeiro movimento da trama: a ida do desconhecimento ao reconhecimento da identidade. [...] Segundo anacronismo: a retórica do excesso. Tudo no melodrama tende ao esbanjamento”. (BARBERO, 2009, p.171)

A seguir, analisamos as características dos jornalismo popular, sensacionalista e policialesco, que trazem formas elementares de apresentar e conduzir as histórias tal como acreditamos estarem presentes na cobertura do Caso Lázaro, pelo programa *Cidade Alerta, da Rede Record*.

2.2 Jornalismo popular

Tratando o jornalismo popular como um modo de fazer jornalismo, podemos considerar aqui o popular como um produto consumido por um amplo público, com sua grande maioria pertencente às classes sociais de baixa renda, embora seja consumido por todas as camadas da sociedade. Temos o termo popular no jornalismo como um segmento que se aproxima do seu público alvo, uma imprensa que noticia aquilo que é aceito por toda a classe consumidora, com coberturas do cotidiano, aborda o que acontece ao redor das classes populares, muitas vezes voltadas à cobrança dos órgãos públicos por melhorias no local de moradia e nas condições de segurança.

Assim, o jornalismo popular é um produto oferecido a um público consumidor específico. Segundo Sacramento e Roxo (2013), um jornal segue um padrão de acordo com as características do seu mercado consumidor, assim, jornais de referência dialogam com um público de interesses voltados à economia e política. Já em relação ao jornal popular, os

autores o classificam como voltado ao entretenimento, apesar de vermos coberturas do jornalismo popular que tratam de problemas sociais e políticos enfrentados pelos moradores dessas localidades:

De um lado, estão os meios noticiosos de elite, cuja audiência principal é formada pelo *mainstream* político-partidário e sociocultural. De outro, os jornais populares que mesclam de forma intensa e variada informação e entretenimento. Um tende a tratar de temas ‘sérios’ como política e economia, e o outro foca os temas sensacionalistas e personalistas, ao gosto do público de massa (SACRAMENTO; ROXO, 2013, p. 7).

O jornalismo popular se aproxima dos bairros populares, por exemplo, muitas vezes questionando sobre os inúmeros problemas enfrentados pela população daqueles locais, como saneamento básico, acesso à saúde e educação, cobrando por melhorias e ampliando as vozes daqueles que vivem ao redor dos acontecimentos. Assim, garante o sentimento de pertencimento, uma vez que o que está sendo noticiado faz parte do dia-dia da população que o consome.

Para Amaral (2006), os princípios tradicionais do jornalismo acabam sendo mais tensionados quando tratamos do jornalismo popular, isso porque para atender as expectativas dos telespectadores, as TVs mesclam entre informações e entretenimento, além do que, como possuem um público fiel que espera um desfecho dos acontecimentos, durante as transmissões, esses canais de TV podem abusar da quantidade de propagandas, o que pode ser diferente durante os horários dos jornais tradicionais:

Nessa perspectiva, fica mais fácil entender por que os jornais populares fazem sucesso, pois correspondem a essas expectativas individuais. Assim, fica simples fazer fórmulas de fácil assimilação pelo mercado, com grande ingerência das formas televisivas, como *shownalismo* ou o *infoentretenimento*. Até porque informação jornalística e entretenimento estão, muitas vezes, nas mãos das mesmas empresas. (AMARAL, 2006, p.59)

Nesse sentido, podemos dizer que o jornalismo popular mescla informação e entretenimento, segue uma linha que informa, busca transmitir aquilo que acontece perto do cidadão comum, contudo, enfatiza aquilo que “prende” mais audiência, segundo Amaral (2006), faz coberturas que despertam o interesse e atenção para atender expectativas de seu público, uma espécie de roteirização, de modo que o público se sinta pertencente àquilo que está sendo informado.

Tratando dos interesses da cultura popular¹, a imprensa popular produz um material voltado para este público. Com intenções mercadológicas, o interesse do público se torna o fator primordial para a construção das narrativas. Assim, tem-se a necessidade de roteirizar, destacar personagens e fontes em histórias, fazendo com que as informações se relacionem com uma ficção, que será acompanhada e estará presente no cotidiano do público receptor: “Tudo o que prende e atrai o olhar, seja uma cena escandalosa, ridícula ou insólita tem potencial para ser notícia. As regras de um bom show passam a valer para o jornalismo. Muitas vezes, há o apagamento da fronteira entre realidade e ficção”. (AMARAL, 2006, p.63)

Outro aspecto muito comum e presente no jornalismo popular é a subjetividade. Tratando de notícias de interesse humano, a subjetividade é utilizada como um fenômeno para aproximar o público do acontecimento. Podemos dizer que é por meio desta subjetividade que o mediador exerce seu poder opinativo, abrindo um diálogo entre as considerações do programa de TV, rádio ou jornal, com a interpretação daqueles que o consomem. Isto porque:

Os jornais auto-intitulados populares baseiam-se na valorização do cotidiano, da fruição individual, do sentimento e da subjetividade. Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados, o mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao extremo. O enfoque sobre grandes temas recai sobre o ângulo subjetivo e pessoal. [...] a informação é sinônimo de sensação e da versão de diferentes realidades individuais em forma de espetáculo. (AMARAL, 2006, p.57)

Para dialogar com o público popular, a estrutura do jornal se adequa à sua realidade. Assim como os modos de fazer jornalismo, que volta-se ao entretenimento, dramatização e espetáculo, a linguagem também sofre alterações quando comparada com o jornalismo de referência. As informações não se encontram como protagonistas, muitas vezes o discurso pessoal e relatos de acontecimentos se tornam mais interessantes pela lógica mercadológica deste segmento: “Além da linguagem, os jornais acabam se adequando aos conteúdos mais sedutores para um público popular. O ideal da objetividade, embora varie de jornal para jornal, muitas vezes é abandonado, e a credibilidade é construída por intermédio de outros parâmetros, como a proximidade e o testemunho”. (AMARAL, 2006, p.58)

A busca por histórias do cotidiano, sobre aquilo que acontece diariamente na vida da população dos bairros populares, por exemplo, a possibilidade de participação nas narrativas, acompanhando de perto as novidades dos acontecimentos, além da linguagem coloquial, que

¹Temos a cultura popular aqui como aquilo que é aceito pelo povo, aquilo que o povo gosta, correspondendo à noção de popularidade, que possui grande adesão por grupos e membros de uma sociedade. Podemos alavancar o sentido de identificação, uma estética grotesca que é aceita por uma grande quantidade de pessoas, pertencentes ao povo das classes mais povoadas. (FRANÇA, 2006, p. 20).

garante maior fluidez e até mesmo o uso de gírias, são características comuns da produção jornalística popular que ajudam a cativar o público.

Os jornais, tanto os tidos como de referência quanto os populares utilizam de estratégias para que, ao ler ou assistir uma notícia, os leitores e telespectadores tenham a falsa sensação de pertencimento. Segundo Amaral (2006), o ato de ler (ou assistir) um (tele)jornal reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo.

Por meio das estratégias utilizadas pelo mercado televisivo, o fazer sentir se tornou uma possibilidade e um objetivo em alguns segmentos do jornalismo. O fazer sentir vai além do despertar sensações, mas garante que o telespectador se sinta pertencente ao mundo, à realidade em que está inserido. O avanço tecnológico na televisão, que permite a edição de cenas, fotografias e vídeos facilitou a prática dessas estratégias:

A tecnologia evoluiu: a imagem digital ganhou em precisão e recursos de criação e montagem; a oferta de receptores domésticos inclui hoje várias opções de tela, que vão do widescreen (o “cinema em casa”) à tela do celular. Isto significa que muito se pôde avançar na construção e criação das imagens e na formatação dos produtos. A televisão trabalha hoje com padrões sofisticados, e superou há muito a mera transmissão de imagens do mundo: ela fabrica suas imagens e um mundo próprio. Cria cenários, formas, movimentos; recupera e reedita trilhas sonoras e musicais; acoplada aos novos recursos multimídia, gera imagens e sons criativos e inusitados. (FRANÇA, 2006, p.6)

Amaral (2006) defende que um jornal, seja de referência ou popular, sempre projeta seu leitor, assim como o leitor espera o que a publicação deva dizer. Assim, ocorre um contrato entre a empresa jornalística e seu público, e as estratégias que cada meio jornalístico usa fará parte deste contrato, alimentando o vínculo com o universo social e cultural do público.

Para o desenvolvimento dessa proximidade com o público, no jornalismo popular, como afirma Amaral (2006), os jornais criam um estereótipo de quem é o leitor popular. Com uma visão de uma cultura heterogênea, o jornal popular busca refletir a realidade do leitor, mesmo não buscando as causas dos problemas sociais, prometendo apenas a resolução deste problema. O jornalismo popular trata do imediatismo, buscando solucionar problemas que acredita que seu público enfrenta no dia-dia por meio da abordagem jornalística.

Amaral aborda a questão dos valores-notícia no jornalismo popular. Segundo a autora, com o entretenimento tendo papel de destaque no segmento, tudo que atrai o olhar é de interesse para o jornal: “seja uma cena escandalosa, ridícula ou insólita tem potencial para ser notícia” (AMARAL, 2006, p.63).

A proximidade do jornal com seu público é uma das características do jornalismo popular garantida pelo entretenimento. Pelo conteúdo, pelos personagens e pela linguagem, o jornal garante seu poder de despertar sensações naquele leitor que se assemelha com os acontecimentos. É por meio dessas estratégias que o jornal entra na casa de seus leitores (ou telespectadores) e aciona a emoção, o sentimento de pertencimento e presença nos fatos e informações das exibições: “Um fato será notícia na imprensa popular se puder ser narrado de maneira a ficar próximo do leitor. É a retórica da autenticidade, muito própria dos produtos populares. Essa proximidade pode se dar pelo conteúdo de fato, pelas personagens que envolve e pela linguagem utilizada”. (AMARAL, 2006, p.64)

A dramaturgia, assim como o espetáculo, está muito presente no jornalismo popular. Coutinho (2012) define a dramaturgia como uma construção literária em que a ação e o conflito são indispensáveis. A partir de Pallotini², ela esclarece que o drama se baseia em um conflito e, a partir daí, surge um ponto de partida fornecido pelo acontecimento, que condiciona a uma nova história, ou o desenvolvimento de uma história conflituosa, assim como se assemelha em muitas narrativas do jornalismo popular, como na cobertura do Caso Lázaro, no programa Cidade Alerta, por exemplo.

Coutinho, tendo Bertolt Brecht como referência, discorre sobre as intenções no uso da dramaturgia. Segundo a autora, o texto encenado destina-se a provocar determinadas sensações nos espectadores, que se dão com o envolvimento de materiais textuais e cênicos, dando-se um espetáculo interessante às narrativas.

É o que discorre Coutinho (2012) ao apresentar os conceitos de *Pathos* e *Catarse*. De acordo com os conceitos do filósofo, as ações dramáticas despertam no espectador uma emoção, quando relacionada à tragédia, os acontecimentos se tornam sempre muito discutidos, mas sempre sem um esclarecimento completo, enfatizando os efeitos da dramaturgia que despertam sensações naqueles que acompanham os acontecimentos, assim como ocorre no Caso Lázaro, em que durante os 20 dias de perseguição policial, havia o problema, a tragédia, que despertava emoções, assim também como não se tinha um esclarecimento sobre toda a tragédia, apenas uma transmissão pela busca e captura do personagem.

Assim como o jornalismo, segundo Coutinho, o objetivo final da dramaturgia é a representação do mundo. É uma perspectiva que, inibindo o uso de materiais textuais e

² Segundo Pallotini (2012, apud COUTINHO, Iluska Maria da Silva. *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*. Rio de Janeiro: Mauad X)

cênicos, desenvolve narrativas semelhantes à realidade. Cativa o espectador por meio dos conflitos, do desenvolvimento de uma história, com personagens e cenários. No jornalismo popular vemos essas características, as narrativas se desdobram, desenvolvem por si histórias conflituosas.

Coutinho (2012) apresenta um dos elementos importantes para a realização da dramaturgia no jornalismo: os personagens. Segundo ela, muitas reportagens servem para reforçar os valores morais e de conduta, como podemos observar no Caso Lázaro. Utilizando da carga emotiva e dos conflitos narrados, o telejornalismo constrói uma notícia, se aproxima do telespectador e transmite um drama do cotidiano.

Amaral (2006) aponta a relação do melodrama no jornalismo popular. Segundo ela, o jornalismo popular é advindo do melodrama, com sua estética grotesca que seduz, informa e diverte com o uso da oralidade. O melodrama, com o mesmo intuito de seduzir seu público, promove uma interação com o espectador por meio do combate às injustiças, gênero muito presente nas telenovelas brasileiras.

Como característica, o melodrama interage com o público por meio do emocional. Nele, os problemas do mundo são resolvidos através da força de vontade e das ações da sociedade. No jornalismo popular, existe a mesclagem entre informação e emoção, formando um acontecimento que desperta o interesse popular.

2.3 Jornalismo sensacionalista

O sensacionalismo é um termo muito utilizado no jornalismo quando tratamos de notícias em que determinadas informações, se não a pauta como um todo, recebe um tratamento exacerbado quanto a sua importância. Referente a sensação, espetacularização, que desperta entusiasmo, assim como descrito em seu significado, o sensacionalismo é um fenômeno presente e muito comum nas produções jornalísticas, principalmente quando tratamos de produções do jornalismo popular.

Angrimani (1995, p.14) descreve o sensacionalismo como um problema que vai além da audácia, irreverência, questionamento, mas que envolve também erros na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo, erros que podem ocorrer dentro de qualquer jornal. O autor, filtrando os significados de sensacionalismo, aborda teorias que o caracterizam e o situam adequadamente.

Angrimani, a partir de Pedroso (1983), destaca regras que melhor classificam o sensacionalismo no jornalismo. De acordo com ele, a intensificação, o exagero, a valorização

do emocional, a exibição do extraordinário, dentre outras características discursivas, fazem com que a notícia fuja de seu papel informativo e se transforme em um produto sensacional:

Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; ambivalência linguístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subseqüentes e sem contextualização político econômico-social-cultural; (PEDROSO, 1983).

Marcondes Filho (1986) trata o sensacionalismo como o grau mais radical da mercantilização da informação. Segundo o autor, está ligado à carência do espírito, levando para o lado sentimental. Em sua perspectiva, a imprensa sensacionalista presta-se a fazer as necessidades instintivas do público, está presente para desviar o público de sua realidade imediata.

Podemos dizer que o sensacionalismo cumpre a missão de tornar significante informações e acontecimentos que não mereciam tal valorização. Uma característica comum nessas produções, sempre apelando ao emocional, marcam a roteirização e a criação de histórias de acordo com os fatos que mais renderiam apelo emocional do público, que mais cativariam a audiência, transformando os acontecimentos em espetáculos, que serão acompanhados diariamente por todos que assistem:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a "notícia" é elaborada como mero exercício ficcional. (ANGRIMANI, 1996, p.16)

Para obter os resultados esperados, a linguagem na produção sensacionalista é uma das principais características. Tratando-se de uma linguagem coloquial exagerada, é comum presenciar o uso de gírias e adjetivos direcionados aos personagens dos acontecimentos. Segundo Angrimani, a linguagem sensacionalista não permite distanciamento, é uma linguagem que obriga o telespectador a se envolver emocionalmente com as narrativas, é uma linguagem editorial clichê.

Exemplo desta linguagem coloquial exagerada podemos perceber na cobertura do Caso Lázaro, pelo programa Cidade Alerta, quando o apresentador do programa utiliza-se de gestos que demonstram indignação em diversos momentos, como ao ser anunciado um pedido de proteção ao suspeito. Além dos gestos realizados, o apresentador utiliza entonações para reforçar sua indignação. Ao longo de toda cobertura podemos ouvir frases de revolta por parte dele: “Ê Brasil, já tem fila no QG dos direitos humanos para defender o Lázaro”, comentou Luiz Bacci, apresentador do programa em um dos momentos da cobertura.

Em um dos edições da cobertura, que durou cerca de 20 dias pelo programa da Rede Record, Luiz Bacci comentou, entre risos e deboches, a respeito da carta enviada ao Ministério Público:

“Ele (Lázaro) é exigente mesmo, bem que a Thainara havia dito, o Lázaro já está pedindo uma cela só dele, quando me mandaram isso eu achei que fosse mentira, meu diretor ainda concordou comigo”. Para finalizar, exemplificando ainda mais essa linguagem coloquial exagerada e desrespeitosa, o mediador complementa: “Por quê que vocês não contaram isso para esse maldito antes?” (BACCI, 2021, Cidade Alerta)

Ainda sobre a linguagem, é por meio do clichê, como afirma Angrimani, que ela provoca emoções, garante que o público não se distancie dos acontecimentos, pelo contrário, permite que o telespectador se envolva, crie sentimentos e expectativas com as informações:

A linguagem editorial sensacionalista é a do clichê. O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca "romper o escudo contra as emoções fortes". É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação. (ANGRIMANI, 1996, p.40)

Devemos salientar que o clichê não é uma característica única do sensacionalismo. Como afirma Angrimani (1996), jornais de referência também podem conter um caráter emocional. Para que a história se torne sensacionalista, há a necessidade de uma edição, uma repetição das cenas, as cenas tendem a se tornar chocantes, envolvendo com muita intensidade o emocional do público. Com o intuito de envolver emocionalmente e aproximar o telespectador, o sensacionalismo busca proporcionar a falsa sensação de participação. Por meio da narrativa utilizada nessas produções, o telespectador acompanha “de perto” as informações:

A narrativa (sensacionalista) transporta o leitor; é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao sequestrador, sentindo as mesmas emoções. Essa narrativa delega sensações por procuração, porque a interiorização, a participação e o reconhecimento desses papéis, tornam o mundo da contravenção subjetivamente real para o leitor. [...] A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se fosse ele o próprio autor do que está sendo narrado (ANGRIMANI, 1996, p.17).

Outra característica da estrutura sensacionalista é a dramatização, ilustrada por Iluska Coutinho como o desenvolvimento de um conflito, onde se tem personagens, cenários e surgem novas narrativas. Segundo Angrimani, o repórter da imprensa sensacionalista deve abusar do drama, captar aquilo que os jornais de referência não exploram, como falas de um sequestrador relatando como foi realizado o sequestro, imagens explorando ao extremo as narrativas, tudo que desperte um roteiro dramático, que desperte sensações e emoções no público que assiste.

Tendo em consideração os jornais tradicionais, nomeados por Angrimani como jornais de referência, diferentes dos jornais sensacionalistas, podemos, segundo a visão do autor, dizer que os tradicionais assuntos como política, economia, tecnologia, por exemplo, aparecem com mais frequência. Já no jornalismo sensacionalista, assuntos que envolvem tragédias, criminalidade e os problemas sociais das classes populares se sobressaem. Contudo, o autor afirma que ambos os públicos, de jornais tradicionais e sensacionalistas, se atraem pela catástrofe, pelo acidente, pela morte. O que difere é a linguagem dos jornais, dividindo o espectador de acordo com a abordagem que mais o agrada:

Deve-se dizer que tanto o leitor do jornal “sóbrio”, quanto aquele que prefere o sensacionalismo, se interessa pelo crime, pelo rapto, pelo acidente, pela catástrofe. O que vai fazer com que o mercado se divida e haja um público exclusivo para o mercado sensacionalista é a linguagem, a linguagem editorial que é a maneira de se destacar uma foto, tornar o texto mais atraente, enfim, a busca de um equilíbrio entre ilustração e texto, além da preferência por matérias originadas de *fait divers*, em detrimento de temas político-econômico-internacionais que servem como estímulo predominante ao jornal informativo comum. (ANGRIMANI, 1996, p.54)

Um tema muito presente nos jornais sensacionalistas, se não o mais presente, é a violência. O editorial de violência nessa imprensa está, na grande maioria das vezes, em papel de destaque no jornal. O assassinato, estupro, assalto, sequestro, tudo o que envolve a violência na realidade das classes populares ganha destaque, além de edições que conseguem mexer bastante com o emocional do público receptor.

Nessa linha, outro tema que é super extrapolado nos jornais sensacionalistas é a morte. Angrimani defende que a morte relatada pelo jornal sensacionalista é diferente da morte relatada pelo jornal comum:

A morte relatada pelo jornal sensacionalista é diferente da morte comum, essa que envolve sofrimento, saudade, choque, traumatismo, dor, angústia, separação. A morte no jornal é perturbadora, porque a imagem do cadáver impressiona, mas ao mesmo tempo atua no sentido inverso: “mata” o outro e “preserva” o leitor. A morte não só é saboreada como espetáculo, mas aparece como ato simbólico que garante a integridade do observador. (ANGRIMANI, 1996, p.116)

Nesse sentido, podemos relacionar com o episódio analisado nesta pesquisa. Nele, como será apresentado na análise, podemos ver imagens da morte sendo tratada como uma festa pelos que desejavam esse fim para Lázaro Barbosa e, em contrapartida, um momento traumático para a família de Lázaro. Durante a transmissão, temos diversos vídeos e relatos da equipe policial e até mesmo dos apresentadores do programa comemorando o desfecho da história que percorreu por mais de 20 dias na televisão brasileira.

O autor ainda explica que existem diferentes mortes no jornalismo sensacionalista, que, segundo ele, enfatiza ainda mais o episódio traumático, na maioria das vezes, interpretada como uma punição ao personagem das narrativas:

Há várias mortes no jornal sensacionalista: morte “punitiva”, “cômica”, “pitoresca”, “sádica”, “casual”. Nenhuma delas se relaciona com a morte dos filmes e seriados de TV, que é esvaziada pela linguagem signica. A morte, representada nos seriados, passa por um processo de pasteurização que elimina todo o impacto traumático. A morte dos filmes de TV é “digestiva”, descaracterizada, anódina. No jornal a sensação, a morte é apresentada em linguagem-clichê, obedecendo a algumas variações. Pode ser “punitiva” [...] e “pitoresca”. A morte “casual” demonstra um esforço de texto, uma tentativa forçada de fugir ao noticiário informativo comum, nem sempre bem sucedida. (ANGRIMANI, 1996, p.116)

2.4 Jornalismo policialesco

Sabemos que o jornalismo é composto de diversos acordos que equivalem aos contratos existentes entre o veículo e seu público alvo. No jornalismo policialesco, essas características se evidenciam de diferentes formas. Podemos dizer que no gênero policial cada programa de televisão define seus aspectos e características, ou seja, cabe a cada linha editorial definir o que o público irá encontrar em suas transmissões.

De modo geral, os programas televisivos de jornalismo policial possuem um aspecto de vigilância. Por meio de coberturas sobre violência, utilizam uma narrativa de prestação de serviço, como um modo de acompanhar crimes, ações policiais, e assim, por meio do discurso e cobertura imediatas, tirar conclusões sobre o que está acontecendo ou deve ser realizado de acordo com cada história:

Do ponto de vista do telejornalismo policial, o pacto que cada programa estabelece com a sua audiência vai orientá-la sobre o que pode se esperar dele, quais os aspectos que serão prometidos e pactuados pelo Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta para com o telespectador. Assim, o que melhor ilustra os programas aqui analisados é a noção de vigilância – “o guardião” – melhor interpretado pela metáfora do cão de guarda (Hartley, 2001, p.90). Ou o jornalismo-denúncia em que o programa passa a ideia de que faz uma prestação de serviço à sociedade, delatando os abusos e transgressões sociais. A noção de pacto está diretamente ligada à ideia de compromisso social, interesse público e de “Quarto Poder” do jornalismo. (OLIVEIRA, 2008, p.5).

Sendo direcionados à segurança pública, o jornalismo policial trata de assuntos relacionados à investigações policiais, busca registros efetuados em delegacias, acompanha de perto crimes que possam gerar repercussão. Assim, o apelo pela novidade, o exagero nas coberturas e a pouca apuração são características comuns nesses programas:

Não é raro nos depararmos com matérias “jornalísticas” que ferem a ética e maculam a imagem dos profissionais de comunicação, sobretudo quando se está assistindo a programas “policiais” ou navegando em portais de notícia, quando o choque da composição entre palavras e imagens marca o leitor/telespectador, quando o jornalista é reconhecido por fazer circular notícias ruins e de maneira deplorável, ou seja, com exagero e apelação. (GUIMARÃES; CLEMENTE; LIRA, 2013, p.18)

Tendo como foco assassinatos, sequestros, tráfico de drogas e perseguições, é comum estarem presentes nas coberturas fontes como policiais, vítimas, delegados, suspeitos, testemunhas, dentre outros que podem se envolver na história passando alguma informação nova que sirva como novidade ao público que as acompanham.

Em busca da credibilidade e do valor verdade em cada notícia, presente nos telejornais, o ao vivo é extremamente explorado nesse gênero jornalístico. Como um modo de transmitir confiança, além de prender a atenção do telespectador, as coberturas geralmente acompanham de cenas ao vivo, com repórteres entrevistando pessoas locais de onde ocorrem as coberturas:

Nos programas Cidade Alerta³ e Brasil Urgente⁴ o uso das transmissões ao vivo ou logo depois do fato transcorrido é uma condição inerente para o funcionamento deles, fenômeno que não acontece com o Linha Direta⁵, porque os programas possuem estratégias retóricas distintas para lidar com a atualidade jornalística. Além disso, categorias como instantaneidade, novidade e revelação pública são tratadas de forma diferenciada em cada programa. (OLIVEIRA, 2008, p.5)

³ Cidade Alerta: programa jornalístico policial da Rede Record, criado em 1995.

⁴ Brasil Urgente: noticiário de policiais da Rede Bandeirantes, criado em 2001.

⁵ Linha Direta: programa dedicado a apresentar crimes de foragidos da justiça da Rede Globo, criado em 1990

Outro ponto comum nos programas do gênero policialesco é a presença de um único mediador que está à frente das transmissões. É ele que desempenha o papel de mediar as relações entre os repórteres, os telespectadores, entrevistados, e todos aqueles presentes na narrativa. Os recursos técnicos são outras características marcantes nas coberturas do jornalismo policial. Com o auxílio de câmeras instaladas em automóveis, helicópteros de apoio, repórteres equipados com câmeras, microfones, todos os aparelhos disponíveis para a captura de imagens chocantes, tudo isso se encontra presente nessas coberturas. Assim, exibem para o telespectador cenas que credibilizam as narrativas, dando autenticidade ao conteúdo jornalístico:

As noções de autenticidade e verdade estão ligadas à maneira como os programas jornalísticos apresentam as notícias aos telespectadores, a exemplo da presença do repórter no local dos acontecimentos; ou o programa dispor de imagens ou áudios exclusivos de determinados eventos, o que configura um furo jornalístico; ou a transmissão de uma notícia ao vivo. (OLIVEIRA, 2008, p.8)

Quanto ao formato desse gênero, podemos mencionar a entrevista, muitas vezes realizada ao vivo. As entradas ao vivo, a repetição de imagens, tudo aquilo que evidencia a legitimidade da cobertura, a comprovação de que aquilo que está sendo exibido vem acontecendo daquela forma, naquele momento, criando uma teledramaturgia, também é muito comum nesses programas.

A performance cênica dos mediadores também é um interessante ponto a ser mencionado. Por meio do texto verbal televisivo, os enunciadores garantem uma postura de autoridade. Transmitindo cenas ao vivo, junto da postura doutrinal dos apresentadores, esses jornais transmitem credibilidade. Contudo, muito se debate sobre um enquadramento superficial das informações, com pouca apuração, baseadas no imediatismo. Por fim, temos o jornalismo policial como um gênero do telejornalismo brasileiro voltado como um prestador de serviços, prometendo uma vigilância, muitas vezes pautada na condição da imprensa como Quarto Poder, influenciando a sociedade.

3. APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO DA ÉTICA JORNALÍSTICA, DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS E DA REGULAÇÃO DA MÍDIA

Neste capítulo iremos tratar sobre os códigos deontológicos no exercício jornalístico. Abordaremos a importância do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e a conduta dos profissionais, os direitos constitucionais prescritos na Constituição Federal de 1988, que possui seu Capítulo 5 dedicado ao direito à comunicação, além da regulação da mídia, mecanismo que busca democratizar os meios de comunicação, garantindo uma maior pluralidade de vozes, fontes e informações.

Tratando do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, abordamos as indicações descritas no documento quanto à liberdade de imprensa, pluralidade de vozes, o direito à informação, entre outras questões que visam garantir um jornalismo plural e diverso, além das recomendações sobre o modo de conduta dos profissionais.

Sobre a comunicação e os direitos fundamentais destinados a todos os cidadãos, utilizamos a Constituição Federal Brasileira para dialogar sobre as obrigações descritas em Lei para garantir o direito à informação, além da liberdade de expressão e a proteção da imagem diante do exercício comunicacional.

Passamos também pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que garante virtudes e honra a todos os cidadãos e, em muitas narrativas de programas noticiosos, são desrespeitadas, levando a uma falha quanto aos direitos descritos. Assim, falamos sobre o direito à vida e segurança, do direito de resposta sobre quaisquer acusações, além da liberdade de opinião e expressão descritas na declaração.

3.1 Do exercício da ética na comunicação ao código deontológico dos jornalistas

Tendo a ética e a moral relacionadas com a experiência da comunicação, devemos compreender melhor como ambas agem no exercício da profissão jornalística. De acordo com Herrero (2002), citado por Marques e Martino (2006), a ética é definida como um conjunto de práticas morais de uma sociedade, ou dos princípios que norteiam essas práticas. Em relação à moral, Vasquez (2001), também citado por Marques e Martino (2006), a define como um conjunto de regras de conduta admitidas em determinada época ou por um grupo de pessoas. Assim, agir de acordo com as normas éticas/morais adequadas para uma determinada

sociedade significa obedecer e nos orientar diante de escolhas e ações visando o que será justo e bom para todos.

Assim, ao estabelecermos códigos morais enquanto sociedade, devemos segui-los enquanto seres sociais que se relacionam, o que é chamado por Marques e Martino (2006) como agir moralmente, seguindo valores e modos de conduta pensando na coletividade. Já quanto ao agir eticamente, os autores apontam para uma visão mais particular de um grupo ou indivíduo. Assim, definem a ética como o modo de agir de acordo com julgamentos considerados moralmente corretos:

Sob essa acepção, a ética se refere à visão particular de um grupo ou indivíduo (caráter). Em certo sentido, ética refere-se a um caráter admirável e a atos e julgamentos considerados moralmente corretos. Isso se aplica quando dizemos que um amigo agiu eticamente ou quando afirmamos que um determinado político é antiético e age de maneira imoral. (MARQUES, MARTINO, 2006, p.33).

Pensando assim, a ética nos aponta quando estamos agindo de acordo com o juízo moral. Visando apontar nossos comportamentos de acordo com o que é considerado bom, a ética atua em um campo de investigação de valores e modos de conduta de indivíduos e grupos. Junto aos valores morais, ela investiga se nossas ações estão a respeitar outras pessoas, além de se preocupar com o convívio social e a necessidade de cada um.

Podemos dizer que é por meio da ética na comunicação que se garante uma maior responsabilidade quanto às discussões sociais, como a desigualdade social, de gênero, racial; seu caráter organizacional orienta para uma maior amplitude de argumentos, podendo dar acesso e compreender melhor outras perspectivas, chamada pelos autores como “o mundo dos outros”. É nesse ponto que falamos sobre democratização de vozes e informações que geram um debate mais amplo e diverso, referente a todos os pontos de vista que se tem diante de um acontecimento:

Assim, discursos midiáticos podem promover um processo reflexivo de debate coletivo e de busca de compreensão e entendimento, aproximando diferentes esferas públicas de discussão. Tal processo é essencial para a ética e para a construção de uma perspectiva colaborativa a partir da qual podemos pensar sobre a questão da democracia e da responsabilidade solidária no mundo contemporâneo. (MARQUES, MARTINO, 2006, p.37).

Falando também sobre a moral, um conjunto de valores que orienta a conduta, as ações e os julgamentos humanos (CHRISTOFOLETTI, 2008), percebe-se que os discursos midiáticos podem gerar um interesse maior pela experiência dos outros, muitas vezes indo contra aos processos de reflexão prático-morais, que buscam a solidariedade. Presenciamos

então uma difusão de informações, discursos e imagens transmitidas nas mídias que despertam o interesse pelo acontecimento, independente que se trate de questões que vão contra ao incentivo da solidariedade:

A promoção da solidariedade, além de ser um processo de aprendizagem social é, no contexto midiático, um potencializador de demandas por inclusão de identidades e pela maior pluralidade de atores e lugares de fala em espaços de visibilidade. Vários são os temas abordados em programas midiáticos com potencial para despertar um envolvimento da audiência para além da mera empatia. [...] Porém, muitas vezes a superficialidade do tratamento narrativo impede um maior grau de envolvimento e responsabilidade dos indivíduos que ultrapassem a fina película do entretenimento individualista. (MARQUES, MARTINO, 2006, p.39).

Apesar de termos em vista que as decisões tomadas por uma empresa midiática vêm dos interesses comerciais de uma direção, além de seu alinhamento político e ideológico, há um poder imenso também quanto aos repórteres e editores, assim, atuar no cenário jornalístico com responsabilidade e comprometimento ético, com as fontes, o público e colegas de trabalho, é primordial para que o jornalismo promova a democracia e garanta o direito à comunicação:

A mídia contribui para o julgamento social de pessoas e organizações, às vezes decidindo sua imagem atual ou mesmo seu futuro imediato. Não é pouca coisa. Se há um poder imenso nas redações, para também pelas cabeças de repórteres e editoras uma grande responsabilidade. Nestas condições, valores, princípios, consciência e caráter não são palavras vazias. [...] Nesse sentido, agir com retidão e atuar com responsabilidade e comprometimento ético é tão importante quanto executar com precisão e correção as etapas de produção de uma notícia. No jornalismo, ética e técnica não se descolam (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.31).

Assim como aponta Christofolletti (2008), o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros trata de recomendações quanto à conduta profissional. Assim, o código depende da boa vontade daqueles que exercem a profissão, de uma disposição das pessoas em segui-lo:

Seus elementos são os valores que regem e dão fundamento às profissões. Por isso, os códigos trazem recomendações, indicações de conduta. Perceba bem, não são intimações ou obrigações, mas recomendações. Se as leis exercem um controle que se pretende total, os códigos dependem mais da convicção, da boa vontade, da consciência e da disposição das pessoas em segui-los. Como não têm o poder das leis e porque são resultados da auto-regulação de um coletivo, os códigos só funcionam mesmo se os sujeitos cultivarem os valores ali expressos, concordarem e se engajarem numa proposta ética (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.80).

Citando como exemplo outros códigos de entidades que representam as empresas de comunicação (como a Associação Nacional de Jornais - ANJ, a Associação Nacional de Editores de Revistas - Aner e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão -

Abert), Christofolletti aponta que eles regulam o jornalismo de forma bastante pontual, defendem a liberdade de imprensa, a democracia, o direito à informação, a privacidade e a resposta, sigilo de fontes, entre outras recomendações que visam garantir um jornalismo plural e democrático, contudo, este autor assinala:

“Os três documentos anteriores assinalam valores para o exercício jornalístico, mas não prescrevem atitudes ou comportamentos daqueles que executam as tarefas cotidianas da profissão. Se vistos por essa perspectiva, os códigos da ANJ, Aner e Abert são textos que compreendem o jornalismo sem os jornalistas”. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.86)

Referindo-se ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o autor aponta que o documento descreve o exercício da profissão como uma “atividade de natureza social”, abordando o jornalista como aquele que irá responder pelas informações divulgadas, assim, a opinião veiculada deve ser “vvida com responsabilidade”.

Uma outra reflexão feita pelo autor diz respeito à influência da tecnologia no campo ético jornalístico, uma vez que o jornalismo se desenvolveu junto das possibilidades que o campo tecnológico proporcionou historicamente, desde os meios impresso, sonoro, audiovisual aos digitais, na atualidade. Além do desenvolvimento do próprio jornalismo, a tecnologia mudou também as relações interpessoais, fazendo com que os valores morais e éticos se adequassem a essa nova realidade: “Se a tecnologia modifica as relações interpessoais, também muda os valores morais e as éticas” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.94).

Com a velocidade de compartilhamento de informações, possibilitada pela tecnologia, as empresas jornalísticas tendem a concorrer umas com as outras quanto à agilidade para divulgar informações e acontecimentos. Com isso, como aborda Christofolletti, tende-se a cair em armadilhas que afetam a qualidade do produto noticioso, muitas vezes, devido ao imediatismo, podem faltar checagem, entrevistas e informações necessárias para o contexto correto das narrativas, que acabam sendo desprezadas pela necessidade de “soltar” uma notícia rapidamente antes de outros veículos:

Apenas vale chamar a atenção para uma condição que é inerente ao noticiário da internet e que pode comprometer a qualidade do jornalismo, gerando transtornos de ordem ética. Mais do que em outros meios, a velocidade é uma constante no modo de fazer jornalismo online. É uma característica dessa modalidade. Entretanto, uma qualidade não pode contradizer outros dois valores fundamentais do jornalismo, a velocidade não deve afetar a correção ou a precisão das informações. Se isso acontecer, portais e jornalistas renunciam a características que fazem parte do próprio DNA de sua atividade profissional. Pouco adianta chegar antes da concorrência se sua matéria estiver cheia de erros e omissões (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.99).

Tendo como um desafio do jornalismo entender para quem estamos produzindo um determinado conteúdo, esta é uma tarefa complexa. Vendo o jornalismo como um produto, presente no mercado capitalista, todo jornal dialoga com um público específico, portanto, o problema aqui é decifrar esse público, conhecer suas esferas e características para conseguirmos nos comunicar com ele:

[...] a comunicação não é, infelizmente tudo indica, um processo completo; é complexa, mas não completa. Nós talvez nunca consigamos entender esse outro, e, no entanto, afirma-se nisso um paradoxo: para nos comunicarmos com esse outro precisamos entendê-lo. Quem é capaz de dizer que conhece outra pessoa em sua integralidade? Na relação de comunicação apenas vislumbramos o outro. Quando alguém conversa conosco, nós ouvimos apenas um pedaço da vida dessa pessoa, quando vemos outra pessoa, vislumbramos apenas um pedaço dessa vida. A comunicação é sempre limitada; nunca chegaremos a esse “eu” mais profundo do nosso outro, nunca chegaremos plenamente a essa alteridade. (MARQUES, MARTINO, 2006, p.261).

Para direcionar e promover um jornalismo coerente com sua função, respeitando os direitos garantidos em Lei aos cidadão, promovendo principalmente a democracia, a pluralidade de fontes e o acesso à informação, profissionais e organizações se dedicam para estabelecer as prioridades da profissão, indicar os modos de conduta e promover uma experiência profissional ética.

No jornalismo, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros orienta os profissionais diante do exercício da profissão. Mesmo sem nenhuma garantia de que os profissionais e empresas midiáticas seguiriam com os valores éticos, o documento existe para firmar e promover um trabalho democrático e respeitoso:

Esse contrato pode assumir diversas formas, mas a mais frequente é a de um código de ética ou de conduta. A adesão ao contrato pelos membros da comunidade define a aceitação de certos comportamentos e o rechaço de outros, reforçando valores (como os de bom e ruim, certo e errado) e retroalimentando a prática. [...] O estabelecimento de valores de uma comunidade e a sua expressão na forma de código não garante, por exemplo, que seus membros tenham melhores atitudes. Diferente das leis que têm um regime compulsório, os códigos são instrumentos de aconselhamento e de orientação. (CHRISTOFOLETTI, 2011, p.4)

Como mencionado anteriormente, os códigos de conduta da ANJ e Abert vão além das recomendações do profissional e se referem também às empresariais, sejam jornais, rádios ou redes de televisão. Então, apesar de não haver uma obrigatoriedade de seguir conforme o orientado, são desenvolvidos de acordo com o que está prescrito na Constituição Federal.

Baseado nos valores jornalísticos, Christofolletti (2011) descreve brevemente, de início, os principais valores tidos como corretos diante dos objetivos da profissão jornalística. Assim, segundo o autor, boas escolhas, boas condutas e bons resultados dos atos desenvolvidos são primordiais para um desenvolvimento correto da profissão:

No jornalismo, a comunidade profissional e seus públicos acabaram definindo valores para a atividade de reportar, narrar, informar, investigar. Em algumas situações, são valores bastante genéricos e pretensamente universais, como a verdade e a honestidade; em outros, são bastante restritivos da profissão, como a objetividade e a imparcialidade. Os valores morais auxiliam na tomada de decisões práticas, cotidianas, que envolvem escolher entre alguns caminhos de ação, que gerarão consequências, danosas ou não para terceiros. (CHRISTOFOLETTI, 2011, p.6)

Já em relação às empresas de comunicação, entre os valores éticos descritos no documentos da Associação Nacional de Jornais (ANJ) estão: a independência editorial; pluralidade informativa; diversidade de opinião; respeito à privacidade; sigilo de fontes; diferenciação do material jornalístico do publicitário; direito do contraditório e direito de resposta; e, por fim, a democracia e os direitos humanos, que se encontram como prioridades ao realizar o exercício jornalístico. Além destes, o código da ANJ ainda valoriza a veracidade das informações, a correção de erros e o interesse público.

A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) também orienta emissoras e jornalistas por meio do seu próprio documento. Nele, a livre iniciativa; a concorrência; a independência editorial; a liberdade de imprensa; a veracidade das informações; a responsabilidade pelos conteúdos veiculados; o sigilo de fontes; a democracia; a unidade nacional; a aproximação e convivência pacífica com a comunidade internacional; e o zelo pelos conteúdos transmitidos, todos são valores tidos como essenciais para o desenvolvimento ético da atividade profissional.

Tendo os documentos acima voltados para jornalistas e empresas de comunicação, o único código de ética dirigido exclusivamente para os profissionais jornalistas é o Código de Ética do Jornalista Brasileiro, formulado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

Descrito como abrangente, detalhado e visto como um formato de um código disciplinar, por Christofolletti (2011), em seus 19 artigos descritos entre os 5 capítulos, o código de conduta da FENAJ classifica os valores profissionais como: direito do cidadão à informação; interesse público; precisão das informações; preservação das fontes; correção das informações; veracidade dos fatos; liberdade de imprensa; responsabilidade social do jornalista; diversidade de opinião; diferenciação do material jornalístico do publicitário;

respeito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão; fidelidade à informação no relato; respeito ao direito autoral e intelectual do jornalista; direito ao contraditório e direito de resposta; evitar conflitos de interesse; oposição à morbidez e ao sensacionalismo; presunção de inocência; oposição ao arbítrio, ao autoritarismo, à opressão e à corrupção; direitos humanos; democracia.

Tendo em consciência os códigos éticos estabelecidos pelas organizações jornalísticas, além do Capítulo V da Constituição Federal de 1988, que trata do direito à comunicação, o dever dos profissionais e empresas em promover o sigilo de fontes, buscar e apurar todos os lados de uma narrativa e, principalmente, respeitar os valores éticos da pessoa e da família, entendemos que a profissão jornalística busca, ou deveria buscar, respeitar os valores éticos e morais da sociedade, se orientando para realizar escolhas e ações que serão justas e boas para todos.

3.2 Sobre a comunicação e os direitos fundamentais

A Constituição Federal de 1988 reconhece, em vários artigos, a comunicação e o exercício da liberdade de expressão como direitos fundamentais, assim como várias prerrogativas para o exercício ético do jornalismo. Presente no Artigo 5º do Capítulo 1 e tratando de uma questão fundamental no exercício do jornalismo, a liberdade de expressão, assim como o sigilo e resguardo de fontes, se encontram em destaque no inciso XIV, garantindo tanto o acesso à informação quanto a proteção e a imagem do cidadão que decide falar para um veículo de comunicação: “É assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.” (BRASIL, 1988, Art. 5, §14º).

Tratando da comunicação social em todo o território nacional, o Artigo 220, também do Capítulo V da Constituição Federal, começa a tratar sobre o direito da manifestação de pensamentos e o combate à censura:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º - Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV .

§ 2º - É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística. (BRASIL, 1988, Art. 220)

Falando sobre a concentração de poder nas mãos de apenas uma empresa midiática, o parágrafo 5º do Artigo 220 afirma que não pode haver o monopólio ou oligopólio em comunicação:

§ 5o - Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio. (BRASIL, 1988, Art. 220). Assim, as empresas não poderiam absorver todos os canais abertos de comunicação para dominar o mercado, o que pode e é feito é a criação de canais fechados de um mesmo grupo, ou seja, uma determinada emissora obter diversos canais de televisão ou rádio mas todas pertencentes a uma única rede ou grupo. Em sequência, a legislação permite que veículos impressos no Brasil funcionem sem a necessidade de uma licença governamental, respondendo judicialmente apenas como uma empresa, o que difere de outros segmentos da comunicação: § 6o - A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade. (BRASIL, 1988, Art. 220).

Tendo o direito à comunicação descrito no Artigo 5º da Constituição Federal de 1988, todas nossas ações e direitos enquanto cidadãos, principalmente relacionadas à liberdade de expressão e à forma de agir, são garantidas em lei. Com a igualdade garantida no Artigo 5º, a legislação brasileira assegura o direito à vida, à liberdade, à igualdade e à segurança: “Art. 5o Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (BRASIL, 1988, Art. 5).

Outro direito importante presente no Artigo 5º, que diz sobre a liberdade de expressão e manifestação do pensamento, é o garantido no inciso IV. A respeito da liberdade para se expressar e dizer aquilo que sinta necessidade, o inciso IV permite essa liberdade, desde que o cidadão se responsabilize sobre seus atos, não se manifestando no anonimato: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;” (BRASIL, 1988, Art. 5, §4º).

Falando agora sobre a responsabilidade que meios de comunicação devem ter para com os cidadãos, é no inciso V que a proteção da imagem e a honra são defendidas pela Constituição. Tido como um direito legislativo, o direito de resposta é garantido por lei quando um cidadão se sentir ofendido, podendo ser cedido um direito de resposta. Assim, caso seja atacada por algum meio jornalístico, como exemplo, a justiça pode determinar um espaço de defesa como reparação ao dano material e à imagem: “É assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;” (BRASIL, 1988, Art. 5, §5º).

Refletindo agora sobre os valores descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), o Artigo 221 da Legislação brasileira diz que o respeito aos valores éticos e sociais de cada cidadão e da família são princípios a serem cumpridos pelos meios

comunicativos. Assim como o incentivo à regionalização da produção jornalística, apoiando o direito à informação de acordo com as narrativas regionais, respeitando as características individuais de cada região:

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

(BRASIL, 1988, Art. 221).

Já a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 (DUDH), afirma em seu Artigo 1º que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (UNESCO, 1948). Os direitos humanos se incorporam em uma consciência coletiva que orienta as ações dos indivíduos em sociedade de modo a garantir dignidade e direitos iguais como unidade de liberdade a todos os seres humanos. Assim, a DUDH representa um conjunto de pretensões consideradas como o ideal para garantir justiça social e liberdade aos indivíduos.

Garantindo que todos tenham direitos iguais, no Artigo 2º a declaração afirma que todos podem invocar as liberdades prescritas no documento, independente das diferenças sociais de cada indivíduo e sociedade. Logo em seguida, um importante princípio é considerado no documento, considerando a vida e a segurança pessoal como princípios primordiais na sociedade:

Artigo II - Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

Artigo III - Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.
(UNESCO, 1948).

No seus artigos 10º e 11º, a DUDH considera como direito universal uma audiência pública em um tribunal independente e parcial àqueles que passam a possuir qualquer acusação criminal. Assim, todo ser humano teria o direito de defesa quanto os atos acusados

ou considerados criminais, assim como se manteria inocente até que a comprovação de seus atos de acordo com a Lei:

Artigo X - Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.

Artigo XI - Toda a pessoa acusada de um acto delituoso presume-se inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso de um processo público em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam asseguradas.
(UNESCO, 1948).

Assim como o direito à vida em sociedade, a DUDH garante no Artigo 19º o direito à liberdade de opinião e expressão, assim como o direito de procurar, receber e transmitir informações por quaisquer meios, garantindo o uso da comunicação como forma de obter conhecimento e informações: “Artigo XIX - Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e idéias por qualquer meio de expressão.” (UNESCO, 1948).

3.3 Regulação da mídia e concentração de poder

A comunicação é um direito humano garantido pela Constituição Federal, que visa fortalecer a democracia e a diversidade de vozes. Descritas no Artigo 221, as emissoras de rádio e televisão no país devem atender princípios relacionados à finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, garantindo o direito ao acesso à informação firmado por lei a todos os cidadãos. Contudo, não podemos ignorar os interesses mercadológicos, tendo em vista que é a publicidade que garante o retorno financeiro para que os meios de comunicação funcionem. Por isso, precisamos discutir sobre a falta de uma regulação que determinasse e fiscalizasse as ações destas empresas para que agissem dentro dos parâmetros considerados corretos e ideais.

Sendo um assunto pouco discutido no Brasil, a regulação da mídia já se encontra em ação em diversos países, como Estados Unidos, Canadá, França e Portugal, agindo sobre os canais de comunicação. A regulação da mídia se trata de um conjunto de normas para o funcionamento daquele setor. Podemos dizer que é um modo de estabelecer regras para uma melhor qualidade, além de garantir que todos possam usufruir do direito à comunicação.

A existência de meios de comunicação diversos, além da pluralidade de fontes sobre determinados acontecimentos, são fatores essenciais para o fortalecimento da democracia. No Brasil, com a desregulamentação da mídia e a carência de mídias públicas, como se tem na Inglaterra com a BBC de Londres, os maiores meios de comunicação se encontram nas mãos da iniciativa privada. Sendo que o jornalismo também integra um mercado, sabemos que a profissão jornalista está submetida ainda a constrangimentos advindos de determinados interesses mercadológicos, políticos e sociais, de acordo com o caráter de cada veículo, o que pode enfraquecer, ou mesmo desafiar a realização de um jornalismo claro e diverso, que levaria à sociedade uma maior quantidade e qualidade nas informações.

Tendo em vista que no Brasil os principais meios de comunicação se encontram concentrados em apenas cinco grupos, sendo eles Globo, Bandeirantes, Record, RBS e Folha, forma-se, assim, um conglomerado de mídias que possuem os mesmos interesses (políticos e/ou mercadológicos), favorecendo com que as mesmas fontes de informação sejam ouvidas, ou consideradas como destaque de acordo com aquilo que têm a transmitir, perdendo o caráter democrático que deveria ser fomentado pela pluralidade e diversidade de fontes e informações.

Além da concentração midiática nas mãos de poucos grupos dominantes, devido a comunicação no Brasil ter privilegiado a iniciativa privada, muitos direitos garantidos pela Constituição, como o direito à comunicação, o direito à opinião e expressão e o direito de defesa, como exemplos, acabam sendo afetados, isso porque a população perde seu direito de acessar os meios de comunicação, além de assuntos serem invisibilizados de acordo com os interesses mercadológicos, uma vez que fazem parte de determinados grupos privados.

Outro problema ocasionado pela concentração midiática, afirmado pela mestre em Economia Política da Comunicação, Ana Carolina Westrup, é a discrepância do fluxo de informações, ou seja, poucas vozes mediando para milhares de pessoas, impossibilitando a pluralidade de vozes:

Essa é uma perspectiva de concentração midiática que é um outro problema para o exercício do direito à comunicação, porque não garante a pluralidade de vozes. Você tem as mesmas pessoas falando sobre os mesmos assuntos e invisibilizando determinados assuntos, vocês sabem disso, porque vivenciam isso diretamente na questão da mineração. (WESTRUPP, 2023, p. 32).

Para que a falta de regulamentação das mídias continue vigorando no país, as emissoras transmitem a perspectiva de que a regulação se assemelha a uma censura, como acontecia na ditadura, fazendo com que o público compre a ideia de que seria algo negativo,

sendo que na verdade a regulação garantiria diversos benefícios à sociedade, como o diálogo com públicos que convivem com a violação de direitos, dando oportunidades e espaço para se pronunciarem, cumprindo assim o dever comunicacional de ceder espaço e acesso aos grupos minorizados e atingidos em determinadas narrativas.

Tendo como diferenciação, a censura seria o ato de proibir, controlar as informações com repressões à imprensa. Já com a regulação teríamos o ato de desenvolver normas que garantiriam o funcionamento das mídias voltado para os direitos instituídos por lei, com a maior pluralidade de vozes e facilidade ao acesso à comunicação, uma vez que a comunicação é tida como direito de todos no Artigo 5o. da Constituição Brasileira de 1988.

Com a falta da regulação e a concentração do poder das mídias nas mãos de poucos grupos é comum vermos a quebra de normas previstas no Código de Ética dos Jornalistas e nos códigos de ética das empresas, anteriormente citados,, além de quebra de padrões éticos violando os direitos humanos que deveriam ser cumpridos no trabalho da imprensa. Analisando o guia de monitoramento que vistoria as violações de direitos no campo da comunicação e mídia brasileira, realizado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI (2015), podemos discutir algumas das principais violações presenciadas na cobertura do Caso Lázaro, no *Cidade Alerta*.

Como uma das principais violências cometidas durante as abordagens jornalísticas utilizadas pelo programa, a incitação à violência ocorre quando jornalistas e apresentadores estimulam o ódio e incitam policiais e familiares a agredir ou insultar pessoas acusadas de cometerem infrações. No Caso Lázaro vemos uma espera dos mediadores para que o suspeito seja capturado e, imediatamente preso ou morto pelo grupo de buscas.

Outra violação muito presente na transmissão do Cidade Alerta é a “exposição indevida de família”, que trata de quando jornalistas e apresentadores abordam sobre a vida particular de uma família, explorando a imagem em qualquer condição, caso aquele personagem esteja relacionado com alguma das vítimas ou do suspeito de cometer determinado crime.

Tratando-se do discurso de ódio podemos mencionar o discurso dos mediadores, que estimulam a ofensa, discriminação ou prática agressiva contra a pessoa da narrativa. Nessa abordagem, podemos mencionar até mesmo discursos preconceituosos, tendo em vista que em muitos casos os suspeitos são minorias discriminadas pela sociedade.

No ano de 2020, motivado pelo abuso e descumprimento de valores éticos, morais e também da Constituição Federal, que assegura direitos comunicacionais a todos os cidadãos, uma proposta de regulação para programas policiais da rede aberta da televisão brasileira

foi enviada ao Senado Federal, após o empresário Jonas Rosatto desenvolver um projeto, que obteve o apoio de 22 mil assinaturas, que debatia sobre o assunto, questionando principalmente os horários em que programas como o Cidade Alerta, Brasil Urgente e Alerta são transmitidos em rede aberta para todo o Brasil, mas, ainda hoje, a proposta não obteve nenhum resultado oficial.

Com transmissões semelhantes, geralmente envolvendo busca policial, casos de homicídio ou crimes em geral, no próximo capítulo trago um resumo de como foi a transmissão do Caso Lázaro pelo programa *Cidade Alerta*. Durante os 20 dias de cobertura ao vivo, o programa desenvolveu uma série de narrativas a serem investigadas e solucionadas, entre elas se haviam pessoas ajudando Lázaro e se esconder da polícia, entrevistas com pessoas que haviam tido contato com Lázaro durante os dias de busca e as possíveis tentativas de capturar o fugitivo.

4. O CASO LÁZARO NO PROGRAMA CIDADE ALERTA

Neste capítulo iremos tratar sobre o programa *Cidade Alerta* e o caso que iremos analisar neste trabalho, o Caso Lázaro. Pretendemos, nesta monografia, analisar se houve características do sensacionalismo e formas ofensivas de apresentar as narrativas praticadas pelo apresentador, Luiz Bacci, durante a transmissão da edição do dia 28 de junho de 2021. Por isso, iremos discorrer sobre a história do Caso Lázaro, sobre o programa que escolhemos para analisar e sobre a cobertura deste jornal policiaisco durante os dias que a história se desenvolvia.

4.1 Caso Lázaro

Na madrugada do dia 9 de junho de 2021, três moradores de um sítio foram encontrados mortos a tiros e facadas na região de Ceilândia, Distrito Federal. Além das vítimas encontradas, que se tratavam de um pai e seus dois filhos, uma mulher, pertencente à família, se encontrava desaparecida. O corpo dela foi encontrado dias depois na beira de um córrego, na mesma região.

Logo após a descoberta do crime, Lázaro Barboza, de 32 anos, principal suspeita do ocorrido, fugiu para a região de Cocalzinho, distrito de chácaras e fazendas próximo a Goiânia. Escondido pela mata fechada, que é característica do local, Lázaro iniciou uma onda de assaltos pelas residências da região, ganhando uma ampla cobertura de toda a mídia nacional, além de despertar um período de buscas e desespero entre os moradores daquela localidade.

Tido como responsável por quatro assassinatos, três tentativas de homicídios, três invasões em propriedades privadas e dois incêndios, Lázaro Barboza se tornou o maior procurado do estado de Goiás, com uma equipe de mais de 270 policiais, além das forças militares, deslocados para a região que se transformou no palco de uma grande busca pelo foragido. Cães farejadores, helicópteros, drones, aparelhos de visão noturna, sensor de calor e todos os agentes da polícia local e federal se reuniram no pequeno distrito na tentativa de capturar o procurado. Além de toda força tarefa, toda a imprensa nacional se encontrava reunida na região, realizando coberturas diariamente sobre as novidades do caso, que durou o total de 20 dias.

Após todos os dias de terror para os moradores de Cocalzinho, a polícia que trabalhava no caso foi informada de que Lázaro estaria sendo escondido pela ex-mulher e ex-sogra em

um sítio próximo à região de Águas Lindas. Logo em seguida, um novo cerco foi montado para a captura do foragido, que se estendeu por toda a madrugada. Após diversas tentativas de captura e supostos relatos da população de que poderiam ter visto Lázaro pela região, ele foi morto pelos agentes que se encontravam espalhados pelos pastos e matas locais. Segundo a polícia, houve uma troca de tiros entre Lázaro e os policiais, resultando na morte do foragido.

A morte do suspeito deixou em aberto perguntas que surgiram ao longo da investigação, como a suspeita de que ele teria tido ajuda de outras pessoas durante a fuga, além da hipótese de que Lázaro estaria agindo a mando de fazendeiros da região, tendo sua morte entendida como queima de arquivo.

4.2 O Programa Cidade Alerta

Pela descrição do programa no site Portal R7 - Cidade Alerta, o *Cidade Alerta* estreou em 1996, o programa produzido pela Rede Record já passou por quatro fases desde seu lançamento. Tendo Ney Gonçalves Dias como seu primeiro apresentador, o jornal já se caracterizava pelo gênero policialesco com características sensacionalistas. Famoso por ajudar a solucionar casos de violência, morte e desaparecimentos, o Cidade Alerta rapidamente estendeu sua transmissão do estado de São Paulo para todo o Brasil.

Sendo considerado um marco na história do programa, em 2004, o jornalista e apresentador Marcelo Rezende (ex-Rede Globo) assumiu o programa policial diário da redação da Record TV. Contudo, o programa foi retirado do ar logo no ano seguinte, pois, de acordo com os executivos da emissora, trazia uma imagem negativa à empresa.

Na sua segunda fase, estreada em junho de 2011, José Luiz Datena, atual apresentador do programa similar da Rede Bandeirantes, *Brasil Urgente*, volta à direção do *Cidade Alerta*, após oito anos que deixava o programa, em 2003, garantindo a vice-liderança de audiência para o horário do fim da tarde. Quarenta e três dias após a volta do programa, o jornalista se despede da emissora, alegando insatisfação com a mudança de horários da programação, sendo substituído por William Travassos.

Sustentando-se em meios aos momentos peculiares, em sua terceira fase, apesar do programa ter voltado a ser exibido apenas em alguns estados, o *Cidade Alerta* começa a ganhar conhecimento e audiência, principalmente na Grande São Paulo. Com números satisfatórios, a Record TV decidiu retomar o programa à programação nacional, voltando a ser exibido para todo o país em janeiro de 2013.

Em sua quarta fase, iniciada em maio de 2017, o jornalista Luiz Bacci assume a direção do programa de forma interina, substituindo Marcelo Rezende, afastado para tratamento de um câncer no pâncreas. Com a morte de Marcelo Rezende no mesmo ano, Luiz Bacci assumiu o programa definitivamente, estando até hoje no comando do jornal.

Na subcategoria da temática policial, o *Cidade Alerta* é um programa policial hoje transmitido no final da tarde, com início às 16h30min e término às 19h55min, de segunda à sexta, somando 3h25min diários de programa ao vivo. Aos sábados o programa também é transmitido, das 17h às 19h45min. Sua construção é baseada em notícias e reportagens sobre crimes, acidentes, desaparecimentos e em algumas exceções, problemas diários enfrentados por moradores de bairros populares, como precariedade na saúde, saneamento básico e transporte. Percebe-se que o programa é pensado em uma estrutura voltada ao improviso. Apesar de todo o conteúdo pensado para ser transmitido, é notável a intenção dos mediadores de tornar o diálogo e o improviso de comentários uma forma da composição das apresentações.

Na intenção de fazer um melodrama, o suspense é muito utilizado de forma a despertar curiosidade naquele que assiste, exemplo disso é a apresentação de novas reportagens antes de uma chamada para comerciais, prendendo o telespectador na expectativa de uma nova narrativa com a retomada do programa.

Com o auxílio de imagens, vídeos, sonoras, entre outras possibilidades do programa ao vivo, o mediador, junto dos repórteres que acompanham cada caso, repetem diversas vezes uma mesma cena. Com o apresentador fazendo uma sequência de comentários sobre o ocorrido, o jornal se baseia em uma linguagem coloquial, de modo que se assemelha a uma conversa com o telespectador sobre cada acontecimento.

Uma outra característica da estrutura do *Cidade Alerta*, muito vista na cobertura do Caso Lázaro, é a possibilidade e utilização das coberturas ao vivo, com repórteres espalhados por diversos locais de onde transmite o acontecimento. Com o auxílio de helicópteros e fontes locais, as narrativas acontecem no mesmo horário do telejornal, garantindo mais ainda a perspectiva de que o telespectador esteja presente naquele momento.

Com esse panorama do histórico e estrutura do programa, pretendo entender nos próximos itens como essas características colaboraram para que o Caso Lázaro se transformasse em um grande acontecimento jornalístico. Buscar compreender essa estrutura nas coberturas durante os dias de busca do foragido, além de criticar a violação dos direitos humanos presente em alguns momentos da cobertura.

4.2.1 A cobertura do Caso Lázaro pelo Cidade Alerta

Fazendo um levantamento das reportagens sobre o Caso Lázaro veiculadas no *Cidade Alerta* vemos que a cobertura do programa se iniciou no dia 14 de junho de 2021, quando o programa ainda chamava Lázaro Barbosa como “maníaco que matou família”, e se estendeu até 6 de julho do mesmo ano. Contando que policiais se reúnem para a busca do “maníaco”, a primeira reportagem mostra o rosto de uma das vítimas e entrevista moradores da região, que relatam alguns comentários que circulam pela região.

Outra fonte que é muito recorrente no *Cidade Alerta* e também esteve presente na primeira reportagem é um porta-voz da polícia do local onde o crime aconteceu. Logo em seguida, o mediador, Luiz Bacci, inicia sua participação comentando o caso, que se estendeu até o dia 6 de julho. Bacci, por sua vez, chama Lázaro de “incontrolável com uma arma na mão matando quem aparece em sua frente”.

Analisando os conteúdos da cobertura, podemos conferir que logo nas primeiras semanas de transmissão, características do melodrama começam a aparecer. Com chamadas já intitulado Lázaro como *serial killer*, dois dias após a primeira matéria transmitida, o programa já realiza uma reportagem com o pai do Lázaro. O que chama a atenção nesta reportagem é o título, em que se destaca: “Pai de serial killer considera o filho um monstro”.

Na tabela 1 reunimos uma sequência com as entradas do programa comentando sobre os últimos acontecimentos do Caso Lázaro. Com o total de 27 vídeos, podemos perceber o desenvolvimento da trama produzida pelo programa, além de reportagens com os familiares e personagens que se encontravam ao redor dos locais cercados pela polícia que procurava pelo foragido.

Tabela 1: Cobertura do Caso Lázaro em cenas pelo Cidade Alerta

Data	Episódio
14/06/2021	Polícia procura serial killer que matou uma família Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=nuQXEUG8WJI&ab_channel=CidadeAlertaRecord
16/06/2021	Mais de 400 oficiais trabalham nas buscas por Lázaro Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=BEqgpns03il&ab_channel=CidadeAlertaRecord

16/06/2021	<p>Pai do serial killer diz que considera o filho "um monstro" Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=cDKXEyjZI7Q&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
17/06/2021	<p>Caso Lázaro: polícia cerca área de mata onde serial killer foi visto Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=6QLWtp4COH4&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
17/06/2021	<p>Caso Lázaro: força-tarefa age após tiroteio Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=hJFlk5rBJgo&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
17/06/2021	<p>Equipe do Cidade Alerta acompanha buscas após tiroteio contra Lázaro Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=ouhqFxaol-Y&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
17/06/2021	<p>Mãe de Lázaro grava uma mensagem para o filho: "se entregue" Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=WsWfLvtBRSA&t=185s&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
17/06/2021	<p>Caçada a Lázaro: confira os detalhes desta quinta-feira (17) de buscas Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=CnTv7OnIfEI&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
18/06/2021	<p>Caçada a Lázaro: polícia fecha cerco na busca pelo serial killer Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=ZEncTb9CC0s&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
18/06/2021	<p>Buscas a Lázaro entram no décimo dia Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=gf_Hcn5L5vY&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
19/06/2021	<p>Caçada a Lázaro: polícia segue suposto pedido de socorro Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=ppgDSpsOiB8&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
19/06/2021	<p>Caso Lázaro: equipe do Cidade Alerta escuta pedido de</p>

	<p>socorro durante gravações</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=uk1EveyAlcc&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
19/06/2021	<p>Testemunha diz ter visto Lázaro mancando nesta segunda-feira</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=L1t6ESTu810&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
21/06/2021	<p>Exclusivo: Cidade Alerta conversa com uma das vítimas de Lázaro</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=iwxGEJYxTf8&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
22/06/2021	<p>Em fuga, Lázaro invade outra fazenda e rouba comida</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=n88N2-gWKbl&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
23/06/2021	<p>Buscas ao serial killer Lázaro chegam ao 15º dia</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=G2kIDoZiGtU&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>

23/06/2021	<p>Caso Lázaro: serial killer teria obrigado reféns a ficarem nus durante cativo</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=f2cyvvpAF38&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
25/06/2021	<p>Caso Lázaro: repórter relata momento em que fazendeiro foi detido</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=fJZTqZGXCWA&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
28/06/2021	<p>Polícia afirma que atirou em Lázaro Barbosa em legítima defesa</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=qet4eZQpi7g&ab_channel=CidadeAlertaRecord</p>
28/06/2021	<p>Cidade Alerta conversa com testemunha que entregou paradeiro de Lázaro à polícia</p> <p>Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=BaysaXIMC8g&t=633s&a</p>

	b_channel=CidadeAlertaRecord
28/06/2021	'Lázaro descarregou a pistola em cima dos policiais', diz secretário de Segurança de Goiás Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=YIBoeJrnl08&ab_channel=CidadeAlertaRecord
28/06/2021	Exclusivo: Cidade Alerta mostra pertences de Lázaro Barbosa Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=_plh2W95OH8&ab_channel=CidadeAlertaRecord
28/06/2021	Cidade Alerta conversa com testemunha que entregou paradeiro de Lázaro à polícia Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=BaysaXIMC8g&ab_channel=CidadeAlertaRecord
28/06/2021	Policiais e cidadãos comemoram fim da caçada a Lázaro Barbosa Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=V276Xr6p-BM&ab_channel=CidadeAlertaRecord
30/06/2021	Corpo de Lázaro Barbosa é retirado do IML após autópsia Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=-yhwGrN5e30&ab_channel=CidadeAlertaRecord
01/07/2021	Corpo de Lázaro Barbosa é enterrado três dias após a morte Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=O-uOYYxmiBw&ab_channel=CidadeAlertaRecord
06/07/2021	Polícia investiga origem do dinheiro encontrado com Lázaro Barbosa Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=qQgHVrpdQ_Y&ab_channel=CidadeAlertaRecord

(Fonte: elaboração própria)

4.3 Metodologia de análise

A seguir, tratamos da metodologia utilizada para analisar a estrutura sensacionalista utilizada pelo programa jornalístico durante a cobertura do Caso Lázaro. Vale ressaltar que iremos partir da análise da edição de cobertura do dia em que Lázaro foi encontrado e morto a

tiros pelos policiais. Nesta edição, temos o encontro de Lázaro com os policiais e a cobertura da troca de tiros que terminou com a morte do então foragido.

Para chegar nesta edição, verificamos a cobertura desde início do acontecimento, no dia 14 de junho de 2021, até o dia em que Lázaro foi encontrado pela equipe de buscas. Por fim, decidimos focar no episódio do dia 28 de junho de 2021, dia em que Lázaro Barbosa foi morto pela polícia e quando a cobertura completa do acontecimento, com 3 horas e 27 minutos de duração, se estende para outros programas jornalísticos da Rede Record, como *Jornal da Record e Balanço Geral*. Optamos por este dia por se tratar do dia em que Lázaro foi morto. Assim, temos uma exemplificação do que dissemos ao longo do trabalho sobre o fim esperado pelos mediadores e pelo público que acompanhava esta cobertura.

É importante salientar que a busca pelas edições se deu pelo canal do *Cidade Alerta*, no YouTube, que possui pequenos trechos de todos os dias da cobertura deste caso. No entanto, para a análise, exploramos a cobertura completa do programa do dia 28 de junho de 2021, disponível no PlayPlus, rede de streaming da Rede Record.

Lembramos que esta pesquisa não busca comparar outras coberturas sobre o caso em diferentes jornais brasileiros, mas sim, analisar como foi a estrutura utilizada pelo jornal policiaisco para desenvolver a cobertura durante o principal dia de transmissão, que apresentava o desfecho tão esperado pelo jornal.

Para entendermos como o melodrama foi utilizado pelo programa, tivemos que compreender diferentes categorias de jornalismo invocados na produção do *Cidade Alerta*. Assim, fizemos uma passagem por diversos conceitos para primeiro entender a proposta do jornal e, em seguida, analisar a cobertura jornalística.

Iniciamos este trabalho falando sobre jornalismo seriado e melodramático, que se trata da principal característica da cobertura do *Cidade Alerta* que buscamos analisar, mas também, transitamos por outras categorias em que o programa se enquadra, como o jornalismo popular, voltado às grandes massas; o sensacionalista, muito perceptível no programa analisado; e também o policiaisco, uma categoria do jornalismo que busca informar sobre segurança pública e violência. Desse modo, aponta-se a correlação entre elementos da cobertura do Caso Lázaro e as categorias de jornalismo supracitadas.

Em seguida, ao abordar sobre o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, e as recomendações para o exercício ético, correto e respeitoso da profissão, tendo em vista que a comunicação é um direito constitucional, relacionamos as violações a esse direito e, ainda, à Declaração Universal dos Direitos Humanos - DUDH, possibilitando uma análise crítica

sobre os desrespeitos cometidos pelo programa sobre as pessoas presentes nas narrativas do Caso Lázaro.

Por fim, discutimos anteriormente sobre a regulação da mídia, que ainda não é uma realidade no Brasil, mas que visa democratizar e expandir o acesso à informação, sem visar o fim lucrativo e o favorecimento de partidos políticos para defender uma ideologia. Por meio desta discussão, podemos analisar como a cobertura do Caso Lázaro poderia ter sido transmitida de uma perspectiva respeitosa e mais informativa.

5. O DIA DA CAPTURA: O DESFECHO DE UMA HISTÓRIA MELODRAMÁTICA

O programa do dia 28 de junho de 2021 iniciou com o apresentador, Luiz Bacci, afirmando que iria trazer a cobertura completa do Caso Lázaro. Neste momento, o jornalista ainda afirma ter informações exclusivas em primeira mão. Já no início da cobertura, ele segue uma série de frases sobre o futuro da investigação policial: “Quem está por trás de Lázaro durante todos esses ataques?”, “a polícia não descarta que uma nova prisão aconteça a qualquer momento” e, nesse mesmo instante, entra para uma chamada ao vivo com o repórter da emissora Rede Record, em frente ao IML de Goiânia, local em que se encontrava o corpo de Lázaro Barbosa.

Analizamos a edição disponibilizada na plataforma de streaming “Play Plus”, da emissora Record. Neste dia, a edição do programa contou com 3 horas, 27 minutos e 46 segundos ao vivo para todo o Brasil, explorando entrevistas, imagens em tempo real de locais por onde Lázaro havia passado, além de filmagens mostrando os últimos registros do corpo do personagem principal da narrativa, que se estendeu por 20 dias consecutivos.

Nos primeiros minutos de transmissão, uma mensagem com a frase “após morte do serial killer Lázaro, polícia pode fazer novas prisões” fica marcada na tela, até que se inicia uma entrevista exclusiva do jornalista Roberto Cabrini com a ex e atual mulher de Lázaro. Na chamada para a entrevista, o apresentador Luiz Bacci menciona Cabrini como o melhor repórter do país.

Logo no início da entrevista, Cabrini se direciona à ex-mulher de Lázaro, acusada de o ajudar a se esconder durante os 20 dias de fuga. A entrevistada se defende das acusações e, em determinados momentos, o entrevistador interfere para direcionar os apontamentos e captar informações sobre o caso, indagando: “por que ele te procurou? você que é ex-mulher dele” e “ele não conversava contigo desde quando começou a caçada?”. Em seguida, ao dizer como foi o encontro com Lázaro, Cabrini a interrompe e conclui: “pois é, mas não foi somente um crime, teve violência, as vítimas ficaram despidas, a mãe da família, pelos indícios, foi abusada sexualmente, enfim, é uma atrocidade sem limites né, você tem consciência disso?”. Em seguida, a entrevistada sente um desconforto e o repórter interrompe a entrevista acariciando a ex-mulher de Lázaro.

Logo após voltar ao estúdio ao vivo com o apresentador Bacci, Cabrini dá a entender que a ex-mulher de Lázaro estaria envolvida na fuga do então procurado: “eu entendo o desespero da Luana, porque agora mais cedo, o secretário de segurança de Goiás deu a entender que a ex-mulher e a ex-sogra estariam supostamente envolvidas na fuga de Lázaro”,

disse o apresentador. Ao retomar sua conversa com Cabrini, Luiz Bacci reforça que estas são informações exclusivas e em primeira mão.

Outro ponto importante a se mencionar são as descrições de Lázaro feitas pelo apresentador, que, segundo ele, era uma pessoa muito vaidosa, que estava de barba feita, sobancelha aparada e que isso era de certa forma exacerbado. Finalizando esta primeira descrição, Bacci também comenta sobre a personalidade do rapaz, dizendo que Lázaro se achava um Deus, que decidia quem iria morrer e quem iria viver e, quando alguém se enfiava na frente da figura majestosa que ele era, se assustava e ele os matava, finalizando a descrição de Lázaro como um sociopata.

Seguindo a sequência de análise feita pelo apresentador, ele inicia uma nova história, desta vez falando sobre a mãe do fugitivo ter sido demitida por um fazendeiro próximo à família Vidal, o que teria levado Lázaro a buscar por vingança. Neste momento, Bacci se refere a ele como uma pessoa que se acha perfeita, vaidosa e egoísta.

Um momento importante da narrativa desenvolvida no episódio do dia 28 de junho é a apresentação das imagens de dentro do Instituto Médico Legal (IML) com os pertences de Lázaro. Nesta cena, o apresentador relembra uma suposição de que Lázaro fazia parte de uma seita criminosa. Segundo ele, as hipóteses de que Lázaro estava agindo a mando de alguém se tornaram o primeiro plano da história, deixando a hipótese de seita em segundo plano.

Logo nos primeiros minutos de programa, Bacci comenta sobre a forma como Lázaro foi morto. Para ele, Lázaro atirou contra os policiais e se negou a se entregar, cessando as possibilidades policiais a não atirar naquele “homem que estava agindo por vingança”. Em seguida, o apresentador comenta: “eu acho que a polícia fez aquilo que tinha que fazer, não tinha como agir de outra forma naquele momento, e a quantidade de tiros disparados pelos policiais, nesse caso, não vai ser prioridade e não deve ser alvo de nenhuma investigação”.

Em certos momentos o jornal utiliza imagens amadoras, filmadas pela população local, mostrando a transferência do corpo de Lázaro de uma ambulância para dentro do IML. Mesmo com distorções de imagens, as imagens se repetem e mostram detalhes de como foi a chegada do corpo baleado para exames médicos. Neste momento, o apresentador, como em diversos momentos da transmissão, ultrapassa os limites profissionais e menciona o “povo dos direitos humanos”: “eu discordo desse comentário do secretário de segurança (mencionando regiões corporais que foram atingidas pelos tiros), você acaba dando força para esse povo dos direitos humanos que vem encher o saco”, disse Luiz Bacci, anteriormente a uma sequência de ofensas aos direitos humanos.

Transmitindo as imagens da comemoração policial, Bacci comenta sobre a

obrigatoriedade policial em seguir dentro da lei. Segundo ele, não é justo com os policiais que eles tenham que proteger a vida de Lázaro ou zelar pelo seu corpo. Entre as ofensas destinadas ao fugitivo, o apresentador deixa diversas opiniões sobre o caso e sobre as ações policiais.

Ao chegarmos nos primeiros 30 minutos de transmissão do programa, uma filmagem marcante é exibida pelo jornal. Nela, podemos perceber o corpo de Lázaro sendo carregado pelos braços e pés e, em seguida, arremessado para dentro de uma ambulância. Nestas mesmas filmagens, diversos policiais comemoram a morte do foragido.

Durante a primeira hora de transmissão, percebemos o interesse de transmitir ao vivo o local exato em que Lázaro havia sido morto. Bacci, em diversas vezes, chama a equipe aérea afirmando que irá mostrar o local do ocorrido. Contudo, durante diversas entrevistas ao vivo, as imagens são colocadas em segundo plano, aparecendo pela primeira vez em tela dividida durante uma entrevista com o secretário de segurança de Goiás, o coronel Renato Brum dos Santos.

Logo ao finalizar a entrevista, o apresentador do programa chama as imagens do local. Durante esse momento, Bacci comenta: “assim que localizarem o ponto exato, perto do rio, onde o Lázaro foi executado, eu vou direto para o nosso helicóptero, muita coisa ainda vai acontecer, já já, inclusive a história do livro, o Lázaro tinha ou não tinha um livro? Nós perguntávamos também à esposa e à ex-mulher e já já vou trazer pra vocês as informações no nosso Cidade Alerta”.

Novamente, Luiz Bacci rende uma série de críticas à “galera dos direitos humanos” e em seguida, à esposa de Lázaro, que havia sido entrevistada pelo programa minutos antes do comentário. Durante transmissão, Bacci comenta: “então, esse pessoal de direitos humanos, de quem está criticando a polícia, quem tá dizendo: tadinho do Lázaro, um tirinho no pé. A esposa, não dá pra entender né, para a esposa ele era um bom pai, ela não consegue ver o cara como um criminoso, mas a gente consegue ver o cara como um criminoso”.

A partir dos 45 minutos de transmissão, o apresentador Luiz Bacci inicia a leitura de um relato escrito pelos policiais que executaram Lázaro contando como tudo teria acontecido. Neste momento, um especialista em ações táticas especiais da Polícia Militar de São Paulo, Diógenes Lucca, explica a linguagem e as ações descritas pelos policiais por meio da linguagem formal e popular, para que os espectadores compreendessem o que os policiais estavam descrevendo. Para além das traduções, Bacci e o especialista realizam diversos comentários em defesa da ação policial.

Durante a entrevista com o Tenente Coronel e especialista em ações táticas, Renato Brum dos Santos, o programa recebe uma imagem com todos os pertences de Lázaro. Neste momento, Bacci volta a falar do “maldito livro”, questionando aos espectadores se estava ou não com Lázaro durante os dias de fuga. Ao aparecer a imagem, Bacci descreve todos os objetos encontrados pela polícia e questiona o porquê daqueles pertences.

Na sequência com o caseiro que teve contato com Lázaro durante os dias de fuga, Bacci, assim como Cabrini durante a entrevista com a mulher atual e a ex-mulher de Lázaro, faz uma série de perguntas tendenciosas para o entrevistado, como “você não conhecia mesmo o Lázaro mesmo passando em todos os canais de TV?”. Com perguntas para saber se o caseiro sabia ou não das ações de fugitivo, o apresentador invade a privacidade do entrevistado e questiona suas ações: “você não teve a curiosidade de chegar para o seu patrão e falar: ‘esse sujeito que está aqui dentro da fazenda, chegou, bateu nas minhas costas e falou que sabe onde eu moro, sabe onde minha família mora, seria uma atitude natural sua?’”, perguntou Bacci.

Logo após o final da entrevista, Bacci volta a falar sobre suposto livro de uma seita criminosa. Segundo ele, o livro não estaria na mochila encontrada com Lázaro. Esta informação, que ainda não havia sido apurada, repercutiu durante vários momentos do programa. Na tentativa de obter a resposta se havia ou não este livro, o apresentador enfatiza que irá trazer a resposta para quem assiste o programa.

Outro ponto que também é muito enfatizado na edição do dia 28 de junho de 2021 é a questão de Lázaro ter sido encontrado com roupas limpas, além da barba e sobrancelhas feitas. Em determinado momento, Luiz Bacci comenta: “o que você considera uma pessoa que está em fuga de centenas de policiais ter tempo de parar para fazer a barba e aparar a sobrancelha, o que isso te indica?”, perguntando para o convidado do programa, Ricardo Ventura, psicanalista especialista em comportamento humano.

Podemos afirmar que a edição do dia da captura foi marcada por uma repetição de narrativas, tendo a história do livro sobre uma seita criminosa, a narrativa da estética cuidada de Lázaro enquanto estava foragido e sobre ele ser vaidoso, ao ponto de não aceitar que as vítimas se assustassem com sua chegada, como as pautas principais do programa. Em diversos momentos e entrevistas, Luiz Bacci fomenta todas essas histórias, de forma que convencesse o telespectador sobre as narrativas desenvolvidas, principalmente sobre quem poderia estar ajudando Lázaro.

A partir da primeira hora e 30 minutos começa a apontar sobre uma suposta fuga de Lázaro para fora do país. Devido à boa aparência, à quantia financeira encontrada com ele e a

suspeita de que haviam pessoas externas ajudando para que isso acontecesse, Bacci levanta a narrativa desta possível fuga e da proteção que Lázaro poderia estar recebendo. Junto à construção desta narrativa, o apresentador comenta em diversos momentos sobre pessoas que estariam com pena de Lázaro: “as pessoas diziam o seguinte: ah policial, prende ele logo se não vão matar ele. O cara é serial killer, invade a casa da pessoa e essa pessoa torce para que ela não morra. Ou seja, qualquer pessoa em sã consciência que colocou a sua vida em risco você desejaria a morte”, comentou Luiz Bacci.

Cabrini entra ao vivo do Batalhão da Polícia Militar para descrever o que foi encontrado na mochila de Lázaro. O que se percebe neste momento é o desenvolvimento de uma nova narrativa. Após apurado que a informação de que havia um livro sobre uma seita criminosa com Lázaro era falsa, o apresentador inicia uma nova história a ser solucionada, desta vez sobre de onde vinha o dinheiro encontrado com Lázaro.

Após se passarem 2 horas de programa, a repórter Thainara Figueiredo entra ao vivo para mostrar o local que Lázaro havia passado para entrar na mata em que foi baleado pela polícia. Ao caminhar pelo local, a repórter chega até a casa de uma testemunha que havia informado à polícia sobre o aparecimento de Lázaro no local. Mostrando todo o percurso ao vivo, a repórter busca saber o que a moradora do local havia visto.

Neste momento do programa, a repórter conversa com as moradoras que denunciaram Lázaro para a polícia e, em seguida, começa a mostrar o caminho feito por ele para tentar fugir novamente. Percebemos um desenvolvimento de uma narrativa com características do melodrama, pelo viés teatral, com a descrição de um cenário e a criação de uma narrativa do que poderia ter acontecido com o personagem principal desta história, o vilão. Bom!

Pela terceira vez no episódio do dia 28 de junho, o apresentador volta a falar sobre a “galera dos direitos humanos”, assim chamada por ele. Desta vez, Bacci comenta sobre as controvérsias que surgiram no momento em que Lázaro havia sido baleado pelos policiais. Segundo ele, o discurso do governador de que Lázaro havia sido preso pode ter dado crédito às pessoas nas redes sociais a criticarem o que foi feito e que, segundo ele, deveria ter sido feito, que são os 30 tiros desferido contra o foragido.

Logo após ceder críticas às pessoas que alegaram uma brutalidade da ação policial, Bacci comete outro desprezo ao comentar sobre a possibilidade do pai de Lázaro reconhecer o corpo no IML. Segundo o apresentador, o pai não deveria reconhecer o corpo do filho e, sim, pedir para enterrarem como indigente: “um cara que matou tanta gente, estuprador, fugiu do presídio e ameaçou matar o próprio pai, e aí sobra pro pai ir no IML perder tempo para fazer

liberação de corpo de filho assassino? Eu deixava lá para enterrar como indigente”, afirmou o apresentador.

Pela segunda vez na edição, o psicanalista especialista em comportamento humano, Ricardo Ventura, entra ao vivo para explicar, desta vez, a cabeça e os modos operantes de um psicopata. Ao relacionar o psicopata com uma pessoa louca, o analista traz pela primeira vez a possibilidade da contratação de um psicopata para realizar crimes a sangue frio, se referindo à possibilidade de Lázaro ter sido contratado por uma quadrilha para realizar os crimes cometidos.

Após 2 horas e 35 minutos de programa, o jornalista investigativo e comentarista principal do *Cidade Alerta*, Percival de Souza, entra ao vivo em uma vídeo chamada com o apresentador Luiz Bacci. Na ocasião, o comentarista fala sobre a personalidade de Lázaro, chamando ele de “Deus que decide quem morre e quem vive”, e comenta sobre a negação do foragido em quando é contrariado.

Após a conversa com Percival, Bacci comenta sobre a transmissão ao vivo com a repórter Lorena Coutinho, do programa *Balanço Geral*, também da Record, que seria a última da história que se estendeu por 20 dias de edições ao vivo: “Quem diria que uma das entradas ao vivo seria praticamente o desfecho do Caso Lázaro, seria o momento em que Lázaro seria abatido, você tava com o Geraldo e você viu esse momento que eu vou mostrar”, disse o apresentador com características severas do sensacionalismo e do desfecho de uma história melodramática.

Pela primeira vez na edição, as imagens gravadas ao vivo na manhã do dia 28 de junho, no programa *Balanço Geral*, com a repórter citada acima, são mostradas para os telespectadores do *Cidade Alerta*. O vídeo transmitido mostra um helicóptero sobrevoando a região com baixa altura, descrevendo a situação, a repórter conta sobre a equipe que estava presente no local e mostra um pouco da busca por Lázaro antes dele ser capturado e abatido pelos policiais.

Em sequência às imagens do cerco montado para capturar Lázaro, o programa exhibe, pela segunda vez, outro vídeo dos policiais comemorando a captura do foragido. Ao fundo, o mediador do programa comenta sobre pessoas que defendem Lázaro, afirmando que é um absurdo existir pessoas que estão defendendo o foragido com uma equipe completa se esforçando durante 20 dias para capturá-lo e moradores da região assustados com os ocorridos nas últimas semanas em Águas Lindas de Goiás, Goiás.

Prestes a finalizar a edição, o programa exhibe novamente a entrevista de Roberto Cabrini com a ex-mulher e a atual companheira de Lázaro. A entrevista, que já tinha sido

mostrada nos primeiros minutos da transmissão, mas foi interrompida devido a um mal estar de uma das entrevistadas, exibe a continuação da conversa, com novas perguntas e histórias contadas sobre o tempo que passaram com Lázaro e abordando as acusações que ambas estariam recebendo de ajudar Lázaro durante todos os dias de fuga.

Após a entrevista, momento em que se encaminha para os comentários finais do programa, Bacci comenta sobre os entrevistados da edição, a mulher e ex-mulher de Lázaro, o caseiro e a ex-sogra que haviam tido contato com o procurado durante sua fuga. Na ocasião, o apresentador desconfia da veracidade das informações e comenta: “acho muito estranho a pessoa ter tido contato com Lázaro e ninguém ter chamado a polícia”. E complementa: “mas não sei, a polícia que vai investigar e descobrir”.

Encerrando o programa, uma última entrevista da edição é exibida, desta vez com a ex-sogra de Lázaro. Na entrevista, a repórter questiona se Lázaro havia tido contato com a família na última noite antes de ser capturado e morto. Durante a conversa a repórter questiona como era a relação da entrevistada com Lázaro e pergunta se ela havia ou não escondido Lázaro dentro da sua casa.

Após a entrevista, Bacci agradece os produtores e repórteres do programa e afirma: “esse caso ainda não acabou, muitas informações ainda vão ser mostradas pela polícia e eu levo até vocês para o nosso repórter”. Em seguida, novas histórias distintas sobre outros casos são relatadas pelo programa enquanto novas informações sobre o Caso Lázaro fossem anunciadas e apuradas para serem transmitidas e o programa é encerrado chamando os telespectadores para votar em uma enquete no Instagram do programa sobre a existência ou não de ajudantes de Lázaro.

5.1 - A captura sensacionalista do telespectador

Com a descrição completa dos acontecimentos durante a transmissão do dia 28 de junho de 2021, podemos mencionar e exemplificar os dados referentes às exibições de: imagens sensacionalistas, o desenvolvimento de narrativas melodramáticas, a associação ao jornalismo popular e ao discurso de ódio que vai em contradição aos Direitos Humanos e ao Código de Ética da profissão jornalística.

Referente às características sensacionalistas, o jornal exibiu por duas vezes durante a programação, que durou 3 horas, 27 minutos e 46 segundos, imagens do corpo de Lázaro sendo carregado e transportado até a ambulância do IML. Na transmissão, Lázaro já se

encontrava morto, tendo seu o corpo sido alvo de 30 tiros. Devido às cenas fortes de violência, as imagens foram borradas para serem apresentadas aos telespectadores.

Outro momento que podemos mencionar é a cena que apresenta a equipe policial comemorando a captura e morte de Lázaro. No vídeo, que foi repetido por três vezes entre o meio e final do programa, diversos policiais aparecem se abraçando e cantando gritos de guerra para celebrar o fim da “caçada” ao foragido. O apresentador Luiz Bacci agradece a força policial e comemora junto, chamando o momento de “lindo” e “marcante”, mostrando o desfecho da “caçada” que, para ele, era o que deveria ter sido feito.

Durante toda a edição, o programa cita um livro que seria de uma seita criminosa que poderia, ou não, estar entre os pertences de Lázaro. Em diversos momentos, o mediador chama a atenção do telespectador afirmando que irá trazer a resposta se há ou não o “famoso livro” na mochila encontrada com Lázaro. Ao receber a imagem com tudo o que foi encontrado pela polícia investigativa, o programa expõe todos os objetos de Lázaro e finaliza a narrativa sobre a seita criminosa após não encontrar livro algum entre os pertences.

O programa também realizou o percurso que Lázaro havia feito antes de ser encontrado. Com uma equipe completa dentro da mata, foi mostrada a trilha que daria acesso ao local que Lázaro havia sido baleado. Durante esta gravação, que aconteceu durante a noite, há uma breve entrevista com duas moradoras do local que teriam denunciado a presença de Lázaro no local e, em seguida, o trajeto pela mata fechada é refeito.

Percebemos então, uma aproximação do programa com histórias voltadas para o apelo emocional, desde a entrevista com pessoas próximas a Lázaro, que se encontravam abaladas com o desfecho trágico, até as comemorações policiais, que iam em contrapartida aos sentimentos dos familiares. Podemos analisar que em ambos momentos temos sentimentos que geram novas narrativas, deixando informações sobre a morte de Lázaro em segundo plano, característica comum do jornalismo sensacionalista.

Na narrativa desenvolvida pelo programa para transmitir o dia da captura e morte de Lázaro, vemos uma série de características do jornalismo melodramático, principalmente relacionadas ao desenvolvimento de conflitos, como é percebido durante entrevistas com pessoas próximas ou que tiveram algum contato com Lázaro durante os dias de fuga, e linguagem vulgar, que despreza o respeito e explora o sarcasmo, como por exemplo quando o apresentador, Luiz Bacci, ironiza que Lázaro era uma ótima pessoa e merecia um destino diferente.

Falando da formação de narrativas, no melodrama os personagens são o ponto principal de toda a história, tendo um vilão, vítimas e os justiceiros. No programa analisado,

vemos estes personagens muito bem destacados. Lázaro, como o vilão, recebe uma sequência de insultos e xingamentos; as vítimas, assassinadas por Lázaro, são representadas pelo sentimento da pena; enquanto os policiais são vistos como os grandes justiceiros por terem trabalhado “duro” durante todos os dias de busca e finalizado a história da forma como o programa esperava, com Lázaro morto.

Tratando o *Cidade Alerta* como um programa de jornalismo policialesco voltado para o público popular, percebemos estratégias para aproximar as narrativas do seu público alvo, o de grande massa, dialogando com os telespectadores e, em alguns momentos, intercalando as informações com o entretenimento, como enquetes de votação para questionar a opinião pública.

A edição analisada é marcada por diversas entrevistas com pessoas próximas a Lázaro Barbosa. Logo no início, temos uma entrevista com a atual mulher e a ex-mulher de Lázaro para questionar os acontecimentos e encontros que ocorreram durante os dias em que o personagem principal da história se encontrava foragido. Ao longo do programa, tivemos também entrevistas ao vivo com moradoras da região marcada pelo último cerco para capturar Lázaro e com a ex-sogra do foragido, que se recusou a falar com a equipe do programa na primeira vez que foi abordada pela equipe de reportagem, mas cedeu uma conversa no dia posterior.

Ao final do programa, o apresentador Luiz Bacci convida o público que acompanhava a transmissão para votar em uma enquete aberta no Instagram oficial do programa. Nesta tentativa de se aproximar com o público, ele questionava a opinião popular se Lázaro estava sendo acobertado ou não por outras pessoas durante os dias de fuga.

Quanto às ofensas e desrespeitos aos Direitos Humanos cometidos na transmissão do dia da morte de Lázaro Barbosa, temos uma sequência de comentários e ações que demonstram a falta de importância dada pelo apresentador e pelo programa à morte da figura principal das narrativas e a todos que pertenciam ao seu vínculo social, como a mulher, ex-mulher e sogra, que cederam entrevistas ao *Cidade Alerta*.

Durante toda a edição, Luiz Bacci comemora e parabeniza a ação policial, que, em uma troca de tiros com Lázaro Barbosa, executou o foragido com aproximadamente 30 tiros. Além disso, durante as aproximadas 3 horas e 30 minutos de transmissão, o apresentador discursa por três vezes, criticando “a galera dos direitos humanos que estavam enchendo o saco”, que questionavam pelas redes sociais sobre a forma violenta que Lázaro havia sido recepcionado ao ser encontrado pelos policiais.

Bacci, ao apresentar as filmagens do corpo de Lázaro sendo carregado e arremessado para dentro da ambulância do IML, comete outra falta que desrespeita a integridade da figura principal da história. Durante a transmissão da filmagem, Bacci comenta: “O corpo de Lázaro está mais furado do que qualquer coisa”, e, após repetir a imagem, chama Lázaro de “desgraçado”.

Outro momento que chama atenção é ao final do programa, quando o mediador questiona as falas de três entrevistados - o caseiro que havia tido contato com Lázaro e afirmou não ter reconhecido o foragido; a mulher e a ex-mulher, que cederam um longo momento para Roberto Cabrini contando os últimos contatos com Lázaro. Bacci desrespeita a fala dos três convidados questionando se seriam verídicas e, em certo momentos, ironizando o que foi relatado: “falam como se ele fosse a melhor pessoa do mundo”, comenta Bacci.

Percebemos então diversas táticas do jornal policialesco para garantir a atenção do público. Tudo o que analisamos concorda com o que foi descrito por Angrimani (1995) ao mencionar que o sensacionalismo corresponde às estratégias que visam captar a atenção do público para satisfazer os interesses mercadológicos.

O que chama muita atenção durante a edição são as participações de especialistas para descrever as atitudes e a personalidade de Lázaro, e as imagens que se repetem em alguns momentos do programa, como as imagens dos policiais comemorando a captura e execução de Lázaro e as imagens da ambulância levando seu corpo para o IML. Percebemos nessas estratégias a tentativa de desenvolver novas narrativas, mudando a perspectiva principal, que seria a morte da família Vidal, para entender, ou criar histórias, sobre a vida de Lázaro e o enredo dos 20 dias que ele havia vivido dentro da mata.

Com os resultados obtidos, podemos constatar que o programa *Cidade Alerta*, na edição do dia 28 de junho de 2021, utilizou de recursos sensacionalistas e melodramáticos para cobrir o caso e chamar a atenção do seu telespectador. O apresentador, Luis Bacci, desrespeitou Lázaro Barbosa com insultos, teceu críticas aos direitos humanos e exibiu imagens sensacionalistas para apelar ao sofrimento e emoção.

6. CONCLUSÃO

Observamos, através da análise, que o programa não se baseou nos preceitos da ética jornalística na cobertura do Caso Lázaro, permitindo uma série de insultos e deboches relacionados ao nome de Lázaro, assim como questionamentos sobre as falas dos entrevistados, transmitiu imagens sensacionalistas e de conteúdo sensível e despertou o exagero, o drama e o sofrimento humano.

No ponto de vista do autor deste projeto, o trabalho foi essencial para instigar o senso crítico, permitindo identificar atitudes incorretas do profissional que se encontra à frente de um programa jornalístico ou uma construção que ultrapassa a ética da profissão, partindo pela estrutura do sensacionalismo. Assim, a análise nos mostrou diversos erros cometidos pelo apresentador do programa e por toda a linha editorial que usou de recursos violentos e desnecessários para prender a atenção do seu telespectador.

Voltando ao ponto de estarmos sempre atentos às produções jornalísticas e aprimorar nosso olhar crítico quanto as produções presentes na televisão brasileira, reforço minha necessidade de analisar as escolhas tomadas pelos programas jornalísticos, principalmente os relacionados à violência e notícias policiais, que, assim como observado, permite utilizar de métodos antiéticos para transmitir imagens de cenas fortes, contestar as falas dos entrevistados e desenvolver possíveis histórias para garantir o interesse do público no desfecho de cada narrativa.

Assim, reconheço que os métodos utilizados pelo programa analisado nesta pesquisa não são os únicos modos de noticiar um acontecimento, muito menos a forma correta para praticar nossa profissão. Acredito que conseguimos produzir um jornalismo ético, humanizado, com pluralidade de vozes e uma apuração mais rígida sobre cada narrativa para que não desenvolva falsas esperanças ou histórias irreais, como percebemos na construção do episódio do dia 28 de junho de 2021, pelo *Cidade Alerta*, da *Rede Record*.

7 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular: o sensacionalismo não cabe em si*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 set. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. Vitória, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf.

FRANÇA, Vera. *Narrativas televisivas: programas populares na TV*. In: FRANÇA, Vera (Org.) *Narrativas televisivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Caroline; CLEMENTE, Luana; LIRA, Rafaela. *Jornalismo policial sensacionalista: A sociedade do espetáculo*. Faculdade Cearense, Curso de Comunicação Social, Fortaleza, 2013.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MARQUES, Antônio Carlos; MARTINO, Luiz C. *Ética e Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Dannilo. *Jornalismo policial: gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira*. 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

RECORD TV. *Cidade Alerta*. Portal R7. Disponível em: <https://www.r7.com>. Acesso em: 05 out. 2024.

SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. *O populismo e o neopopulismo no jornalismo televisivo brasileiro*. 2013.

WESTRUPP, Ana Carolina. *Direito à comunicação, comunicação como direito humano*. In: MEDEIROS, Evandro; BRAVIN, Adriana (orgs.). *Ativismos, segurança digital e narrativas autônomas*. Mariana, MG: UFOP, 2023. p. 28-61.